

ISTO É

Edição 30 - 3/4/26

RIO DESGOVERNADO

Em pleno ano eleitoral, o segundo estado mais rico do país enfrenta a insólita situação de ver o Supremo Tribunal Federal determinar como será escolhido o governante que ficará no cargo até janeiro

*Palácio Guanabara,
sede do executivo
do Rio de Janeiro*





RAFAEL CAMPOS

Capa

Página 6

Segurança pública é um tema-chave para quem governar o Rio até janeiro de 2027

Índice

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE ERNESTO CARRICO E PITCHA BENROHMAN/RAWPIXEL.COM

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

15 ECONOMIA

20 INTERNACIONAL

24 TECNOLOGIA

27 CIÊNCIA

29 ESPORTE

34 ESTILO DE VIDA

36 ENTRETENIMENTO

40 O MELHOR DAS REDES

41 PALAVRA POR PALAVRA



REPRODUÇÃO@INSTAGRAM

Os “ready to drink” atraem a geração Z



ELVIS BARUKCIC/AFP

Itália fica de fora da Copa pela terceira vez



COURTESY OF NETFLIX / 2026

Paulo Gorgulho em “Emergência Radioativa”

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
[@revistaistoe](https://www.instagram.com/revistaistoe)

YouTube
[m.youtube.com/@revistaISTOE](https://www.youtube.com/@revistaISTOE)

X
[@revistaISTOE](https://www.x.com/revistaISTOE)

TikTok
[@revistaistoe](https://www.tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn
[https://linkedin.com/company/istoe/](https://www.linkedin.com/company/istoe/)

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos.

A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



“Bolsonaro
traíu promessa
de enfrentar
a corrupção”

LEONARDO MONTEIRO

“O Brasil precisa de nova Constituição”

Sem se definir ainda se tentará o governo de São Paulo, Kim Kataguiri é crítico dos governos Lula, Bolsonaro e Tarcísio

O deputado federal Kim Kataguiri (Missão-SP) defende a discussão de uma nova Constituição para que o país se torne “sério”. Segundo ele, “há 40 anos o Brasil é um fracasso, com raríssimas exceções, em todas as áreas”. Fundador do MBL, ganhou projeção nas manifestações pelo impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016. Dois

anos depois, foi eleito para a Câmara. Apoiou Jair Bolsonaro, mas depois rompeu com o ex-presidente, a quem atribui o retorno de Luiz Inácio Lula da Silva ao poder. À frente do partido Missão, avalia disputar o governo de SP ou a partir para a reeleição e apoiar Renan Santos, candidato do partido à presidência da República.

Leonardo Rodrigues

O Supremo Tribunal Federal derrubou uma liminar do ministro André Mendonça que determinava a prorrogação da CPMI do INSS, que o senhor integra. Como avalia essa decisão?

É uma decisão ilegal, inconstitucional e, na minha avaliação, canalha, porque o Supremo desrespeitou a própria jurisprudência. Foi o Supremo que reconheceu que CPI é direito de minoria na época do governo Bolsonaro, na CPI da Covid, e que a prorrogação era um direito automático. Não existia decisão de presidente do Senado, não existia decisão nem da própria CPI [que derrubasse]; se um terço [dos integrantes] querem a prorrogação, não importa nem a vontade da maioria do colegiado da CPMI, ela deveria ser prorrogada. Os ministros trataram de coisas que não têm relação com a lei que trata sobre prorrogação de comissões. O ministro Alexandre de Moraes afirmou que houve vazamentos. Mesmo se for o caso, não há prova de que os vazamentos partiram da CPMI — podem ter partido da Polícia Federal ou do próprio Supremo. É uma acusação leviana. Além disso, é curioso que Moraes tenha usado a palavra “abuso” ao julgar uma CPMI em que apresentei um requerimento da convocação de sua esposa [Viviane Barci de Moraes, cujo escritório de advocacia assinou um contrato de prestação de serviços de R\$ 129 milhões com o Banco Master]. O ministro, no mínimo, deveria se declarar suspeito para julgar o caso. O próprio fato dele estar julgando a prorrogação da CPMI já é um abuso. Isso sem falar de todos os outros abusos que ele já perpetrou em relação, como na decisão do IOF [Imposto sobre Operações Financeiras], que a Câmara dos Deputados derrubou de maneira legal, constitucional, e ele tratou o Congresso. Moraes é um ministro conhecido pelos seus abusos, e agora fala de “abuso” da CPMI. É muito claro que o Supremo tomou essa decisão só porque há ministros envolvidos [com o caso Master], porque se a lei for seguida, a CPMI deveria ser automaticamente prorrogada.

O processo histórico que gesta o MBL começa com a mobilização da classe média em protestos contra a

corrupção, passa pela Operação Lava Jato, impeachment de Dilma Rousseff e popularização do pensamento conservador. Em 2026, Lula e o PT governam o país com chances de se reelegerem. Esse processo se rompeu?

Ele se rompeu no governo de Jair Bolsonaro. Todo o processo histórico do impeachment levaria a uma liderança de direita antissistema, fora do desenho PSDB-PT, mas Bolsonaro reviveu um partido que estava absolutamente destruído e deveria ter continuado assim. Ex-ministros, deputados e senadores bolsonaristas admitem, nos bastidores, que o ex-presidente perdeu para ele mesmo. Não há uma maioria de eleitores lulistas, mas Bolsonaro perdeu apoio dentro do próprio reduto eleitoral da direita, no centro-oeste e no Sudeste. Lula não ganhou porque teve maioria esmagadora do Nordeste: a diferença de votos estava no estado de São Paulo. E isso aconteceu porque ele traiu a promessa de sustentar o enfrentamento à corrupção. O ex-presidente nomeou um petista para a Procuradoria-Geral da República [Augusto Aras], proibiu o modelo de força-tarefa da Lava Jato, indicou Kassio Nunes Marques, que é um “ministro do Centrão”, para o Supremo Tribunal Federal. Se tivesse feito escolhas diferentes, não tivesse fechado um acordo com o Dias Toffoli para suspender o processo contra Flávio Bolsonaro em troca do veto ao fim das decisões monocráticas, tudo isso que estamos vendo hoje não ocorreria. As pessoas que queriam fazer uma verdadeira revolução e matar de vez a antiga classe política que dominou nosso país desde a redemocratização ficaram desanimadas, porque todo nosso esforço foi para isso. Um presidente que pegou nossa esperança e jogou no lixo. Lula é presidente porque Bolsonaro sequestrou a agenda de enfrentamento à corrupção.

O senhor será candidato à reeleição ou ao governo de São Paulo?

Essa decisão será tomada em junho. Isso só está no meu radar porque fui colocado nas pesquisas [para o governo de São Paulo] e o resultado foi uma intenção de voto muito maior do que eu esperava. Imaginava que Tarcísio [de



LEONARDO MONTEIRO

Freitas, atual governador] teria condição de vencer facilmente no primeiro turno, mas de repente apareci com 5% em uma pesquisa, 13% em outra, o que são muitos votos no estado. Se eu for disputar, será para ganhar. É muito difícil, porque tem um governador no cargo e quem está no cargo tende a se reeleger, especialmente [numa concorrência] dentro do campo da direita. Mas difícil não é impossível. A decisão depende dessa análise de viabilidade. Se ela mostrar que uma candidatura ao governo do estado, com participação em debates na TV pela primeira vez, pode catalisar a imagem do partido, trazer votos de legenda e eventualmente gerar um resultado até melhor do que uma candidatura à reeleição na Câmara, [eu concorro ao governo], agora, se houver um risco de deixar o partido com um deputado a menos ou até mais, caso eu tenha uma votação que traga mais algum deputado, é uma avaliação que ainda será feita.

O senhor faz críticas frequentes à postura do governo Lula no combate ao crime organizado, mas durante o governo Tarcísio, foram mortos em São Paulo um delator do PCC e um ex-delegado algoz da facção — Vinícius Gritzbach e Ruy Ferraz Fontes — e se avolumam as críticas de policiais à

desvalorização da categoria. A incapacidade não é também estadual?

É evidente que a gestão do governo federal é um fracasso no combate ao crime organizado. Não é à toa que tivemos a primeira fuga de um presídio federal na história do país e a justificativa do [então] ministro Ricardo Lewandowski é de que era Carnaval e, portanto, houve “relaxamento”. Não há como enfrentar facções apenas com as forças estaduais, nem há benevolência em usar a Polícia Federal e a Receita Federal em ações dos estados. Aliás, se eu sou um promotor de Justiça no estado e digo que preciso de ajuda de uma dessas instituições, não deveria haver vontade política para que isso aconteça. Só isso já está errado. Agora, que o Tarcísio decepcionou muito na segurança pública, eu não tenho a menor dúvida. O governador prometeu e sua gestão da Fazenda não liberou os reajustes prometidos para o estado de São Paulo. Eu até me posicionei contra, [mas] nesta semana a gente votou um aumento de salário de até 95% para a Polícia Militar do Distrito Federal, que já tem o maior salário do país, e é pago com um fundo constitucional financiado pela Receita Corrente Líquida da União, que em sua maioria vem de São Paulo. As polícias paulistas trabalham, pagam impostos e têm um salário me-

nor do que aquelas que são financiadas com seu imposto. Isso é uma bizarrice, uma das principais lutas de um governador de São Paulo, que até hoje não foi travada, é pela revisão do Pacto Federativo. É [dever de governo] chegar na União e dizer: “Não tem como eu mandar tanto dinheiro”. Há mais de 100 anos, São Paulo manda dinheiro para a União e a União distribui aos estados mais pobres sob a promessa de que eles vão se desenvolver. Em 100 anos, os estados pobres continuam pobres e São Paulo continua sendo São Paulo, com todos os seus problemas e um potencial muito maior a ser explorado. Portanto, há um descumprimento de promessa com as polícias estaduais, Científica, Civil, Militar. Ao mesmo tempo em que ele [Tarcísio] não dá licença, liberdade, permissão para operações mais duras contra o crime organizado. Eu sei, por conversar com praças e oficiais da Polícia Militar, que há possibilidade de se fazer. A Polícia Militar quer garantir que nenhum território do país esteja sob controle do crime organizado, e o Tarcísio, com medo de apanhar de imprensa, de ONGs de direitos humanos e de partidos de esquerda, não dá autorização para a tropa fazer o seu trabalho. Então, a falta de valorização, de equipamentos e de permissão para que a polícia faça o seu trabalho, são deficiências fundamentais do governo Tarcísio nesse enfrentamento.

O PL Antifacção e outros projetos aprovados recentemente no Congresso, incluindo um de sua autoria, endurecem as penas aplicadas para crimes violentos. Esse é o caminho para resolver o problema da segurança pública?

É o principal. Todo mundo que trabalha na segurança pública sabe que boa parte dos criminosos presos são reincidentes. São pessoas que praticam crimes profissionalmente — elas são soltas e continuam praticando. Meu projeto que foi aprovado aumenta as penas para furto, roubo e receptação, e estou curioso para saber como o presidente Lula agirá, porque me surpreendeu a sanção dada por ele ao PL Antifacção, porque há medidas, especialmente em relação à ocupação territorial, às quais o PT sempre se opôs,



LEONARDO MONTEIRO

mas no ano eleitoral, ao verem que a segurança pública é a principal pauta, decidiram apoiar. Causa estranheza. O que acontece hoje é que um trabalho efetivo da Polícia Militar para fazer prisões em flagrante é jogado no lixo quando o sujeito é solto por nossos benefícios processuais. Não é nem que as penas sejam baixas, mas elas são reduzidas na prática pelos benefícios, progressão, conversão em pena irrestritiva de direitos e assim por diante.

O endurecimento das punições e a revogação de direitos são alguns dos pontos que levantam uma discussão de revisão mais ampla. Há um esgotamento do pacto firmado na Constituição Federal?

A Constituição de 1988 foi mal desenhada. Não como se ela representasse um espírito do tempo: ela já não funcionava na época. Há pelo menos 40 anos o Brasil é um fracasso, com raríssimas exceções, em todas as áreas. O país apanha no atendimento à saúde, principalmente na saúde primária. Os atendimentos de média e alta, pelo menos no SUS [Sistema Único de Saúde] de São Paulo, funcionam relativamente bem — com uma fila grande, por causa do fracasso no atendimento básico, primário, principalmente em

relação às prefeituras. Mas em saúde nossos índices são péssimos e tiveram uma evolução muito medíocre em relação aos outros países em desenvolvimento. Educação, nem se fala. Eu fico especialmente triste, porque conheço mais profundamente — por ter sido presidente da Comissão de Educação — ao ver que, nos últimos 40 anos, é difícil encontrar algum país no mesmo status do Brasil — emergente — que tenha ficado tão estagnado quanto o nosso. As notas do aluno mais pobre do Vietnã em matemática são próximas das de um aluno rico do Brasil. Na infraestrutura, o cenário é o mesmo. Não dá para jogar tudo nas costas dele, mas [o ex-presidente] Juscelino Kubitschek prestou um desserviço ao país ao apostar em rodovias e ignorar nosso sistema ferroviário. Temos um sistema de portos absolutamente retrógrado, ineficiente, com filas enormes de caminhões; rodovias de péssima qualidade, apesar de tributos como o IPVA e as cobranças de pedágio existirem para financiá-las. Então, sem dúvida nenhuma, a Constituição fracassou e nós precisamos de um novo texto. Só o nosso partido tem defendido esse que é um debate fundamental, porque sem uma nova Constituição, não temos chance de nos transformar em um país sério. **E**

CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO DO MANDATO

DO GOVERNADOR CLAUDIO CASTRO

Castro renunciou ao cargo de governador na véspera de ser julgado por irregularidades eleitorais



PHILIPPE LIMA

Quem governa o Rio?

A saída desastrosa de Claudio Castro do governo fluminense lança o estado na incerteza e leva o STF a arbitrar quem escolhe o próximo líder que seguirá no cargo até janeiro de 2027

Leonardo Rodrigues

Atolado em decisões e casos polêmicos, o Supremo Tribunal Federal (STF) tem uma missão na próxima quarta, 8 de abril, que impactará diretamente os 17 milhões de fluminenses. É nesta data que será decidido no plenário do tribunal, em Brasília, se a eleição para um mandato-tampão no governo do Rio de Janeiro será indireta, com voto dos deputados estaduais, ou direta, em que a decisão cabe aos eleitores. Essa rara situação se estabeleceu desde que Cláudio Castro (PL) renunciou ao cargo de governador, no dia 23, sob argumento de disputar uma vaga no Senado. Há dez meses sem vice-governador, o estado seria liderado pelo presidente da Assembleia Legislativa, mas Rodrigo Bacellar

(União Brasil) – que era o indicado na linha sucessória – está preso.

A decisão de Castro se deu na véspera de um julgamento do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em que era acusado de irregularidades eleitorais ligadas à campanha de 2022 (por abuso de poder econômico e político). A renúncia se deu em uma tentativa de evitar a cassação, sinalizada a partir do voto da relatora do caso, Isabel Gallotti, em novembro. A destituição foi confirmada na terça-feira, 24, e Castro se tornou inelegível pelos próximos oito anos. E, assim, ele se junta a uma lista estarecedora: nos últimos 30 anos, com exceção de Benedita da Silva (PT), todos os governadores foram presos ou perderam o cargo. É esse quadro complexo

que desafia hoje o STF, a população e a classe política do segundo maior PIB entre os estados brasileiros.

Em meio a tamanha confusão em que o Rio está mergulhado, é importante dizer que, mesmo em períodos democráticos, a escolha indireta de um governador não é inédita na história brasileira. Em que pese a palavra final dos magistrados e seu poder sobre o destino dos fluminenses, fato é que a responsabilidade por essa incerteza é da própria classe política do estado.

É preciso voltar alguns anos para explicar a crise atual do comando do estado. Em 2018, uma espécie de acaso conjuntural levou um cantor católico e vereador pouco conhecido da capital a ocupar a vaga de vice na chapa de Wilson Witzel (PSC), juiz federal e ex-defensor público que se apresentou como candidato a governador em uma disputa que tinha Eduardo Paes (à época no Democratas) como franco favorito.

Os escândalos de corrupção que assolaram governos anteriores, no entanto, impulsionaram o discurso do ex-juiz de combate a esses desvios. Witzel se muniu ainda da defesa da violência policial e da negação da política para ganhar o apoio da família Bolsonaro, que tem no Rio seu berço político. Depois de abrir a corrida com 1% nas pesquisas, ele avançou ao segundo turno com 41,28% dos votos — contra 19,56% de Paes — e acabou eleito com boa vantagem. Seu companheiro de chapa era Cláudio Castro, que ainda no PSC se tornara vice-governador.

Mas esse governo durou pouco. Eleito na onda bolsonarista, Witzel rompeu com o grupo, não tinha simpatia da esquerda e viu pedidos de impeachment se acumularem contra ele na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Em junho de 2020, o então presidente André Ceciliano (PT) aceitou um pedido robusto, que incluía acusações de superfaturamento na construção de hospitais de campa-

Paes diz que pode colocar seu nome para “mandato tampão”



FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

na pandemia de covid-19. Politicamente isolado, o ex-juiz teve o mandato cassado por 10 votos a 0 em tribunal formado por desembargadores e deputados estaduais.

Com o afastamento definitivo do titular, Castro virou governador em 1º de maio de 2021 desafiado a se distanciar da gestão impopular do ex-companheiro. Ainda desgastado pela corrupção da gestão Witzel e investigado pelo Ministério Público por suspeita de fraude na compra de cestas básicas na pandemia de covid-19, o novo mandatário trocou a negação da política do antecessor pela boa relação institucional para se segurar no cargo.

José Paulo Martins, professor do Departamento de Ciência Política da UFF (Universidade Federal Fluminense), disse à reportagem que Castro teve “sorte e capacidade” após herdar a cadeira. “Se Witzel perdeu apoio do bolsonarismo e se queimou sozinho, seu sucessor teve habilidade política para se afastar dos escândalos e conquistar o apoio de prefeitos, deputados e até de setores da esquerda”.

Segurança como capital político

Diante de um conhecido cenário de expansão do Comando Vermelho (CV) e ampliação do domínio territorial das milícias, apostou em operações policiais ostensivas em comunidades da capital e, ainda no mandato herdado, determinou ações no Jacarezinho e na Vila Cruzeiro que somaram 52 mortes.

A linha dura na segurança já virou. Filiado ao PL, ganhou o apoio da família Bolsonaro para enfrentar o deputado Marcelo Freixo (à época no PSB) na disputa pela reeleição. Conhecido defensor dos direitos humanos e da redução da violência policial, Freixo organizou uma chapa ampla — seu vice, vale lembrar, foi o ex-prefeito César Maia (no PSDB) — e amealhou o apoio de Lula para enfrentá-lo.

Havia incerteza quanto ao desempenho do incumbente. Mesmo afiançado pelo PL e ostentando bandeiras do espectro, Castro era criticado na direita radical. Apostando em uma campanha menos ideológica e sem associações claras a Bolsonaro, foi reeleito ainda em primeiro turno, com 58,27% dos votos — 4,93 milhões a mais do que os

10 mil que o tornaram vereador apenas seis anos antes.

Foi nesta campanha, contudo, que o Ministério Público Eleitoral viu abuso de poder econômico e político de sua gestão na criação de milhares de cargos sem transparência no Ceperj (Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro) e na Uerj (Universidade do Estado do Rio).

Conforme a denúncia, aliados do governador e de outros políticos do PL no período eleitoral foram empregados para atuar como cabos eleitorais. Castro foi inicialmente absolvido no TRE (Tribunal Regional Eleitoral), em maio de 2024.

Livre de problemas judiciais a priori, o incumbente enfrentava baixos índices de popularidade e, em segundo mandato, corria risco de ficar sem apoio para concorrer ao Senado, caminho natural para chefes de Executivo estadual que não podem disputar a reeleição. O jogo virou no final de 2025, quando uma megaoperação contra o Comando Vermelho deixou 121 mortos nos complexos do Alemão e da Penha, na capital fluminense.

Nas semanas seguintes à ação, o Datafolha mostrou que 40% dos entrevistados na capital e região metropolitana passaram a classificar o governo Castro como ótimo ou bom, ante 34% que o consideravam ruim ou péssimo. Já a Atlas Intel mostrou que 36% dos cariocas aprovam o trabalho de Castro

na segurança pública, contra 27% no caso do governo Lula.

Apesar dos questionamentos da Defensoria Pública e da ONU (Organização das Nações Unidas), Castro classificou a ofensiva policial como um “sucesso”, disse que as únicas vítimas foram os quatro policiais mortos e, na prática, ganhou pontos para ser o senador do campo bolsonarista.

Na calmaria política da ocasião, o mandatário organizou seu próprio campo de sucessão. Com o plano de renunciar ao governo a seis meses da eleição para concorrer ao Senado, deixaria na cadeira o vice, Thiago Pampolha (MDB), com quem colecionou atritos durante o mandato.

Para tirar o emedebista da corrida e recompensá-lo por abrir mão das pretensões políticas, Castro nomeou-o conselheiro do TCE (Tribunal de Contas do Estado), função que remunera com R\$ 41 mil mensais até os 75 anos — idade da aposentadoria compulsória.

A manobra colocaria na cadeira Rodrigo Bacellar, que presidia a Alerj e nome de consenso para concorrer à sucessão de Castro. E, nessa disputa, mais uma vez, o adversário a ser enfrentado seria Eduardo Paes, então prefeito pelo PSD (ele deixou o cargo no dia 20) e aliado do presidente Lula. Equação definida, o grupo de Castro ainda colhia os louros políticos da megaoperação quando Flávio Bolsonaro (PL) foi lançado à presidência da Repú-



Bacellar foi preso por suspeita de vazar informações

THIAGO LONTRA



Zanin, do STF, suspendeu a realização de eleições indiretas

ROSINEI COUTINHO/STF

recorreu ao STF para pedir a convocação de eleições diretas. O TSE havia confirmado, no dia 25, que a sucessão seria definida por eleição indireta.

Conforme o pedido do PSD, a jurisprudência da corte determina que os eleitores sejam convocados quando há dupla vacância nos cargos de governador e vice por decisão judicial. Já houve pleitos do tipo para o governo em estados como o Amazonas, mas nunca antes no Rio de Janeiro.

No dia 27, o ministro Cristiano Zanin, do STF, suspendeu a realização de eleições indiretas para o governo do Rio. Em sua decisão, ele argumentou que o caso deve ser discutido em plenário presencial.

Em defesa das diretas, o ex-prefeito da capital escreveu um artigo em que chamou Castro de “covarde” e classificou a possibilidade de votação indireta como uma manobra para manter o grupo do ex-governador no poder.

“Acatar a manobra de Castro para forçar um pleito indireto pelos deputados estaduais seria privar os cidadãos fluminenses do direito de decidir sobre o futuro do estado. E, mais, premiaria o infrator e entregaria a máquina pública mais uma vez àqueles que acabaram de ser condenados por usá-la de forma ilícita”, afirmou. O ex-governador tem evitado declarações além da defesa da própria inocência.

Derrotado duas vezes, em 2006 e 2018, para o governo do estado, Paes tem liderado as pesquisas de intenção de voto com larga vantagem sobre qualquer concorrente apresentado — incluindo o mais provável, Douglas Ruas. O ex-prefeito do Rio afirmou que pode colocar o seu nome como candidato para um “mandato-tampão”.

Mesmo que essa não fosse a pretensão de Paes, esse movimento pode validar seu favoritismo e impedir que um adversário dispute o cargo em outubro com a máquina estadual nas mãos durante o período de campanha, condição que tem contribuído para reconduções de prefeitos, governadores e até presidentes ao longo da história democrática brasileira. Da forma que o cenário se apresenta no Rio de Janeiro, qualquer um dos caminhos para o Palácio da Guanabara passa por Brasília, mais precisamente pelo plenário do Supremo. **E**

blica. Na mesma época, em dezembro, a Polícia Federal deflagrou a Operação Unha e Carne e prendeu Bacellar por suspeita de vazar informações da operação que prendeu o ex-deputado TH Joias (MDB), associado ao Comando Vermelho e aliado do chefe da Alerj.

Os deputados estaduais chegaram a revogar a prisão de Bacellar, mas ele voltou a ser detido pela PF meses mais tarde, por decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF. Ele teve o mandato cassado, perdeu qualquer viabilidade política e se tornou uma aliança tóxica para o grupo incumbente.

Na falta de plano A, o PL chegou a cogitar o secretário estadual de Polícia Civil, Felipe Curi, conhecido pela linha dura no comando da corporação, mas formou consenso em torno de Douglas Ruas, secretário estadual das Cidades. O escolhido é filho do prefeito de São Gonçalo, Capitão Nelson (PL), além de ter sido secretário e manter base eleitoral na cidade, que tem 665 mil eleitores, segundo o TSE. A chapa ainda previa Márcio Canella (União Brasil), prefeito de Belford Roxo, e o próprio Castro na disputa pelas duas vagas ao Senado.

Mas essa última definição foi ameaçada pelo TSE. Por cinco votos a dois, a corte tornou Castro inegável por oito anos. Aquela mesma denúncia de abuso de poder político nas eleições de 2022 (que não foi adiante no TRE) foi retomada pelo Ministério Público Eleitoral, que recorreu à corte superior. Desse modo, os planos do hoje ex-governador

foram desencaminhados. Com esse imbróglio, a cadeira do governo ficou com o desembargador Ricardo Couto, presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e ilustre desconhecido da maior parte dos fluminenses. Em frase que ilustra o vácuo político do estado, o desembargador disse ao jornal Folha de S. Paulo não estar “preparado” para assumir o cargo. Desde então, fez exonerações pontuais e antecipou o pagamento de servidores.

Sua volta ao Judiciário não deve tardar. Avaliando que Castro e aliados fazem pressão para levar a definição do mandato-tampão à Assembleia Legislativa — onde regras de votação já estão definidas —, o PSD de Eduardo Paes



Ricardo Couto, do Tribunal de Justiça, responde interinamente pelo governo

DIVULGAÇÃO

CHEGA DE CHACINAS!
 Cláudio Castro ASSASSINO
 CST UÍF-QI

O governo Cláudio Castro ficou marcado pelas incursões armadas em favelas

A crise de segurança pública

Enquanto se aguarda uma decisão sobre o governo interino, a violência na Grande Rio está mais letal

Marina Miano

A segurança pública permanece como o “calcanhar de Aquiles” do Rio de Janeiro, agravada por um cenário de instabilidade na política fluminense. Dados do Instituto Fogo Cruzado, de fevereiro deste ano, revelam que a violência cotidiana segue alarmante: apenas em janeiro, a região que compõe a Grande Rio registrou mais de uma pessoa baleada por dia em assaltos ou tentativas de roubo. Ao todo, 35 pessoas foram atingidas nessas circunstâncias, um aumento de 30% em relação ao mesmo período de 2025. Entre as vítimas, trabalhadores como

o motoboy Marcelo Julio Silva, de 52 anos, morto em Irajá, ilustram a vulnerabilidade vivenciada pela população. Essa insegurança é decorrente de uma paralisia na gestão estadual. Para o especialista em segurança pública Guaracy Mingardi, o governo interino e o mandato tampão dificultam mudanças estruturais. “O comando lá em cima demora muito tempo para começar a influir na segurança. No atacado, vai mudar pouco por enquanto”, disse.

A socióloga Carolina Grillo, do GENI-UFF (Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Fede-

ral Fluminense), corrobora essa visão ao afirmar que o governo que estava em vigor, o de Cláudio Castro, não elaborou uma política de segurança própria: “Na verdade, ele apenas dobrou a aposta em políticas que já vinham sendo conduzidas pelas polícias militares há quase quatro décadas: realizar operações de incursão armada em territórios de favela”.

Os números refletem essa “aposta” no confronto. Embora o total de tiros tenha caído de 5.444 em 2017 para 2.315 em 2025, o índice de letalidade subiu. No ano passado, 1.722 pessoas



O total de tiroteios diminuiu, mas a letalidade aumentou no ano passado

JOEDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

foram baleadas na Região Metropolitana — um aumento de 10% nas vítimas totais e de 23% no número de mortos (944 óbitos) em comparação a 2024. O papel do Estado é evidente: 54% dos baleados foram atingidos em contextos de ação policial.

Mingardi critica essa estratégia, pois, nas palavras dele, essa “história de viver de operações é burrice. Ela mata gente, é considerada uma ‘grande vitória’, e depois volta tudo ao que era antes porque você não efetivou a ocupação permanente”.

Além da letalidade, a violência gera um “efeito cascata” nos serviços públicos, como o ensino. Segundo o Instituto Fogo Cruzado, entre janeiro de 2023 e julho de 2025, cerca de 190 mil alunos da rede municipal tiveram o trajeto escolar interrompido por tiroteios.

Carolina observa que essas operações causam paralisação momentânea no crime. “O único efeito é interromper o funcionamento do tráfico durante algumas horas. Prendem pessoas que são

todas substituídas, apreendem armas e drogas que serão recompradas. A própria polícia se refere ao trabalho como ‘enxugar gelo’”, afirma.

Relatórios do Fogo Cruzado mostram ainda que a violência se redistribuiu. Em janeiro de 2026, o Leste Metropolitano viu as mortes saltarem de 8 (em 2025) para 27 casos. Cidades como São Gonçalo e Niterói registraram números críticos de tiroteios e óbitos. Em fevereiro, a média foi de uma chacina a cada cinco dias, como o ataque em Nova Iguaçu que deixou seis mortos.

Para Mingardi, a expansão do crime ocorre porque o Estado tem pouca atuação na região do Grande Rio. Ele destaca que a solução passaria por inteligência e asfixia financeira, mas o cenário é de desinvestimento. Em 2025, as polícias Civil e Militar sofreram um corte orçamentário superior a R\$ 5,7 bilhões. O especialista chama atenção também para a falta de foco: “Falta ir atrás do dinheiro em grande estilo. Você tem de saber o que eles vendem, como com-

pram e o que fazem com o lucro”. Já Carolina sugere que o caminho para retomar territórios não é o confronto, mas a regulação de mercados informais, como água, gás, internet, que hoje são controlados por grupos armados. “É preciso desarmar esses grupos e desarticular suas relações com o Estado. Isso é possível, mas o trabalho de ‘descooptação estatal’ é fundamental”.

Enquanto o STF (Supremo Tribunal Federal), por meio do julgamento da chamada ADPF das Favelas, determina uma reocupação territorial focada na retomada de serviços básicos e cidadania para 2026, o Rio de Janeiro segue no impasse entre o corte de verbas e a ausência de um direcionamento estratégico que vá além das incursões armadas cotidianas.

A reportagem entrou em contato com a Secretaria de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro para tratar de dados, ações e estratégias, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição. **E**

O nome da terceira via

PSD confirma Ronaldo Caiado na corrida rumo à presidência; é a primeira vez que o partido terá um candidato ao Palácio do Planalto

Leonardo Rodrigues

O PSD confirmou o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, como seu pré-candidato à presidência da República. O anúncio foi feito na segunda-feira, 30, em São Paulo. Ele superou a concorrência interna do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite. Favorito inicial para representar o partido na disputa, Ratinho Júnior desistiu do objetivo na semana passada para permanecer no governo do Paraná até o final do mandato e abriu caminho para o colega de sigla.

O paranaense anunciou apoio a Caiado antes mesmo da oficialização da escolha. “A legenda apostou num homem aprovado como gestor, com trabalho reconhecido nacionalmente, sobretudo, em áreas vitais como educação e segurança”, afirmou Ratinho.

Opositor antigo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que tentará a reeleição, o goiano se lançou ao Palácio do Planalto em abril de 2025, quando era filiado ao União Brasil. Sem apoio na legenda, Caiado se filiou à sigla

comandada por Gilberto Kassab e enfrentou a disputa interna com Ratinho e Leite para se viabilizar.

Ungido presidenciável, o ex-governador representa uma alternativa ao senador Flávio Bolsonaro (PL) no campo da direita e reforça a artilharia contra o governo Lula na corrida até as urnas.

Em seu primeiro discurso como pré-candidato à presidência, Caiado defendeu “desativação” da polarização política, mas prometeu “anistia ampla, geral e irrestrita” ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e demais condenados por uma tentativa de golpe de Estado após as eleições de 2022 como “primeiro ato” de governo.

A tese defendida pelo goiano é que a anistia poderá “pacificar” o país e permitir que o governo federal “cuide das pessoas”, em alusão a sua carreira



Caiado defendeu “desativação” da polarização, mas prometeu anistia ao ex-presidente Jair Bolsonaro

REPRODUÇÃO/FACEBOOK

*Alckmin deixa
o Ministério do
Desenvolvimento*



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Geraldo Alckmin confirmado como vice de Lula

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva confirmou (PT), na manhã de terça-feira, 31, que o vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) estará novamente em sua chapa na disputa pela reeleição em 2026. O anúncio foi feito durante reunião ministerial no Palácio do Planalto, convocada para apresentar um balanço da gestão e marcar a saída de ministros que disputarão cargos eletivos. Alckmin é um deles. Ele comandava o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

A decisão encerra semanas de especulação sobre o futuro político de Alckmin, que vinha sendo pressionado a abrir mão da vice-presidência para concorrer ao Senado por São Paulo. Lula descartou a hipótese e reforçou a parceria construída desde 2022. “O companheiro Alckmin que vai ter de deixar o MDIC. Ele vai ter de deixar porque ele será candidato a vice-presidente da República outra vez”, afirmou.

A confirmação ocorre em meio a uma ampla reconfiguração na Esplanada, com ministros deixando seus cargos no executivo. A movimentação atende ao prazo de desincompatibilização imposto pela legislação eleitoral, que exige o afastamento desses ocupantes seis meses antes do pleito — para evitar o uso da máquina pública e garantir equilíbrio na disputa. O prazo se encerra em 4 de abril.

A permanência de Alckmin na chapa presidencial reforça o papel do ex-governador de São Paulo como peça de moderação e articulação política no governo, especialmente junto ao setor produtivo e ao eleitorado de centro.

Além de confirmar o vice, Lula aproveitou a reunião para sinalizar a estratégia de transição na equipe. A orientação é de continuidade administrativa, sem criação de novos programas, para evitar rupturas no último ano de mandato. “Os novos ministros terão o dever de concluir o trabalho do governo”, disse.

pregressa como médico. Aos 76 anos, o pré-candidato não fez outras menções a Bolsonaro, mas defendeu ter credenciais para não apenas derrotar o PT, como fez o ex-presidente, mas “governar para que o PT não seja mais opção ao país”.

“Estou na política há muitos anos. Quando o PT criou o MST [Movimento dos Trabalhadores Sem Terra], eu criei a UDR [União Democrática Ruralista]. Desde 1986 defendo o agronegócio, quando não era pop”, afirmou Caiado. “Acredito em pesquisas, na ciência e na tecnologia. No meu estado, temos um marco regulatório da Inteligência Artificial. Quando ninguém falava em terras raras, Goiás passou a explorar e comercializar terras raras. Somos um estado que pensa à frente”.

Ao exaltar os próprios feitos como governador, Caiado constrói um discurso que, ao mesmo tempo, marca distância de Flávio e ataca o presidente Lula, concorrentes já estabelecidos à disputa presidencial. A principal aposta do goiano, no entanto, é na segurança pública.

No pronunciamento, Caiado repetiu o mantra conhecido de que “bandido não se cria” no estado que governa desde 2019 — ele renunciou ao cargo na terça-feira, 31, para a corrida presidencial — e afirmou que a “convivência” com o crime organizado não pode mais ser admitida no Palácio do Planalto. “Estado Democrático de Direito é o

primeiro artigo da Constituição, [mas] isso não existe em um país onde o narcotráfico tem 60 milhões de brasileiros sob sua tutela e controla grande parte do território brasileiro”, declarou.

Em pesquisa divulgada pela Quaest em 11 de março, Caiado teve 4% das intenções de voto, em desvantagem em relação a Lula, Flávio e patamar similar a Romeu Zema (Novo), com 2%.

Segunda tentativa

A escolha de Caiado para representar o PSD na eleição para a presidência impôs a Eduardo Leite a segunda derrota consecutiva na tentativa de se viabilizar como candidato ao Palácio do Planalto. Em 2022, ele buscou se viabilizar como presidenciável no antigo partido, o PSDB.

Na época, os tucanos queriam montar uma chapa que fosse uma alternativa ao então presidente Bolsonaro, que ocupou seu espaço no antipetismo, e a Lula, algoz histórico que voltava a disputar eleições após deixar a prisão.

Além de Leite, que renunciou ao governo gaúcho para se apresentar, o então governador de São Paulo João Doria e Arthur Virgílio, ex-prefeito de Manaus, se candidataram às prévias tucanas. Doria foi o escolhido por 53% dos mais de 25 mil filiados com ou sem mandato eletivo que participaram da votação. **E**

Despedida ministerial

Pelo menos 18 ministros deixam o governo para concorrer às eleições; prazo para troca de partidos ou para que membros do executivo se desliguem das funções se encerra no dia 4

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contou, em reunião ministerial, na terça-feira, 31, que pelo menos 18 ministros devem deixar o governo até a noite da quinta-feira, 2, por conta do prazo de descompatibilização exigido pela legislação eleitoral para políticos com cargos no Executivo que desejam disputar as eleições. Segundo Lula, mais auxiliares poderiam deixar a Esplanada.

“Pelo menos 14 companheiros já comunicaram que deixarão o governo. A partir de hoje (terça), mais quatro companheiros que vão anunciar daqui a pouco. E depois, quem sabe, mais alguns, porque até quinta-feira à noite é tempo de me avisar”, declarou na ocasião.

Lula disse que os ministros que serão candidatos a cargos no Legislativo devem ajudar a mudar a “promiscuidade” que, segundo ele, existe no Congresso. O presidente parafraseou uma frase de Ulysses Guimarães, ex-presidente da Câmara. “Perdeu muito de seriedade a política. O doutor Ulysses Guimarães, quando a imprensa estava dizendo que era preciso reformar, que era preciso mudar, ele dizia sempre que toda vez que se discute mudança, o resultado é para pior. E eu não canso de dizer que a política piorou muito”.

O encontro foi a primeira reunião ministerial de 2026. Ela foi feita nesta semana com o intuito de os ministros apresentarem um balanço do que foi feito, em especial os que vão deixar a Esplanada. Lula comentou ainda que mais ministros iriam deixar seus postos não por se lançarem candidatos, mas para ajudar na campanha eleitoral.

Entre os ministros que se desligam de suas funções no executivo está a deputada Marina Silva, que comandava a pasta do Meio Ambiente. Em post no Instagram, ela escreveu: “Começo

uma nova etapa de contribuição ao país. Reassumo meu mandato no Congresso Nacional e trabalharei pela reeleição do presidente Lula e pela eleição de Fernando Haddad ao governo de São Paulo”.

Quem assume o ministério é João Paulo Ribeiro Capobianco, que era secretário-executivo. Nos corredores da política, comenta-se que ela sairá da Rede Sustentabilidade. A ex-ministra confirmou ter recebido convites de alguns partidos, entre eles PT, PCdoB, PV, PSB e PSOL. **E**



Marina Silva deixou o ministério e disse que atuará pela vitória de Lula e eleição de Haddad

MARCELO CAMARGO / AGENCIA BRASIL

Confira algumas mudanças nos ministérios

Ministério	Entra	Cargo anterior	Sai	Para onde vai
Fazenda	Dario Durigan	Secretário-executivo da pasta	Fernando Haddad (PT)	Concorrerá ao governo de São Paulo
Planejamento e Orçamento	Bruno Moretti	Secretário de Análise Governamental da Casa Civil	Simone Tebet (MDB)	Disputará o Senado por São Paulo
Agricultura, Pecuária e Abastecimento	André de Paula	Ministro da Pesca e Aquicultura	Carlos Fávaro (PSD)	Cotado para disputar o Senado por Mato Grosso
Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar	Fernanda Machiaveli	Secretária-executiva da pasta	Paulo Teixeira (PT)	Buscará a reeleição para deputado federal por São Paulo
Esporte	Paulo Henrique Perna Cordeiro	Secretário nacional de Esporte Amador, Educação, Lazer e Inclusão Social	André Fufuca (PP)	Cotado para disputar o Senado pelo Maranhão
Pesca e Aquicultura	Rivetla Edipo Cruz	Secretário-executivo da pasta	André de Paula	Ministro da Agricultura
Povos Indígenas	Eloy Terena	Secretário-executivo da pasta	Sônia Guajajara (PSOL)	Tentará a reeleição como deputada federal por São Paulo

Pacto contra a crise

Governo busca fechar acordo com Estados para conter efeitos da alta do petróleo



Durigan: governo tem o compromisso de ajudar famílias endividadas e reduzir impactos da guerra

ADRIANO MACHADO/REUTERS

Em meio à escalada da guerra no Oriente Médio e ao fechamento do Estreito de Ormuz — por onde é transportado um quinto do petróleo mundial —, o governo brasileiro tenta fechar um acordo com todos os estados para conter os impactos da disparada internacional dos combustíveis. Nesta semana, ministros passaram a sinalizar que está próxima de um consenso a adesão dos governadores à proposta de subvenção a importadores de diesel com o objetivo de bancar o custo do ICMS sobre o produto. Por enquanto, não há unanimidade.

Em reunião ministerial comandada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na terça-feira, 31, em Brasília, o

ministro da Fazenda Dario Durigan afirmou que o governo implementará novas ações para mitigar os impactos do conflito no Irã. De acordo com ele, a pasta irá elaborar e adotar estratégias, atendendo a um pedido de Lula, “para que, à medida que essa guerra evolua e traga efeitos injustos, a gente tenha respostas”.

Durante a reunião, Durigan ressaltou que o governo tem o “compromisso de ajudar as pessoas” em áreas como endividamento das famílias e redução de impactos da guerra no Oriente Médio.

No mesmo dia, uma nota conjunta do Ministério da Fazenda e do Comsefaz (Comitê Nacional de Secretários de Fazenda, Finanças, Receita ou Tributação dos Estados e do Distrito Federal)

indicou que mais de 80% das unidades da federação já tinham sinalizado positivamente à proposta. No documento, o governo classificou a iniciativa como excepcional e necessária diante do cenário global. “Esta iniciativa traduz a preocupação do governo federal e dos governadores dos Estados em proteger a população”, diz o texto, ao mencionar o esforço conjunto para mitigar os efeitos de uma crise energética global.

A proposta do governo é que a subvenção seja válida por dois meses, entre abril e maio. O valor do benefício será de R\$ 1,20 por litro do combustível importado, dividido igualmente entre os estados e a União, ou seja, o governo federal custearia R\$0,60 e os estaduais, a outra metade. Além da subvenção, o pacote inclui medidas já adotadas, como a zeragem de PIS e Cofins sobre a importação de combustíveis. O objetivo é evitar desabastecimento e conter a transferência da alta internacional para o consumidor final, num momento em que os preços domésticos estão defasados em relação ao mercado externo.

De acordo com declaração do secretário-executivo da Fazenda, Rogério Ceron, a subvenção a importadores de diesel deve ter custo de R\$ 3,5 bilhões a R\$ 4 bilhões na proposta de dois meses. O valor está acima dos R\$ 3 bilhões previstos anteriormente.

Em entrevista ao SBT News, na quarta-feira, 1, Ceron afirmou que, com o plano de dividir o custo com estados, o impacto para a União deve ser de até R\$ 2 bilhões, valor que poderá ser absorvido pelo orçamento sem a adoção de nova medida.

Apesar do avanço nas negociações, resistências persistem, devido ao impacto fiscal. Um dos estados em que haveria esse impasse é o Rio de Janeiro, que está, neste momento, envolto em um imbróglgio por ter de decidir um governador de mandato tampão em um processo em que ainda não se sabe se será por eleição direta ou indireta.

Já na quinta-feira, 2, o vice-presidente e então ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, afirmou que o acordo estava bem próximo de ser fechado. Segundo ele, apenas dois Estados devem ficar de fora, enquanto outros “dois ou três” ainda avaliavam a proposta. **E**



Smirnoff Ice foi fundamental para a Diageo crescer 6,5% no segundo semestre de 2025

rafas”, afirma a professora de pesquisa e comportamento do consumidor da ESPM e sócia da Markka Consultoria, Karine Karam. Há também a busca por moderação: RTDs oferecem porções controladas, com sabores inovadores como coquetéis prontos ou cervejas aromatizadas, acrescenta.

Karine menciona dados da Nielsen ao apontar para um crescimento de 30% a 50% ao ano desse mercado no Brasil, impulsionado por millennials, além da geração Z, que priorizam novidades e apelos de sustentabilidade.

É preciso ter em conta, contudo, que esse mercado ainda representa uma fração do cervejeiro. De acordo com números da Diageo, os drinques prontos para tomar representam somente 1,8% do mercado alcoólico brasileiro. Em outros países, eles já superaram os 10% do consumo de álcool. Segundo a Euromonitor, o mercado de RTD produziu 178,4 milhões de litros no Brasil em 2024 contra 14,7 bilhões de litros de cerveja.

Em busca dos jovens

Veio de Minas Gerais, em 2015, a novidade que fez muitas companhias tradicionais do setor perderem espaço e olharem para esse mercado. A Xequê Mate apostou em uma construção de marca forte e rapidamente se tornou a queridinha dos jovens.

No ano passado, a empresa afirma que bateu seu recorde de vendas, com cerca de 9 milhões de litros, crescimento de 26% em relação ao ano anterior. O faturamento entre dezembro de 2024 a fevereiro de 2025 superou R\$ 50 milhões.

Já que boa parte desse crescimento vem da geração Z, companhias tradicionais precisam correr atrás do prejuízo para não ficarem datadas. Além dos novos produtos e sabores, as novas embalagens são uma preocupação.

A CRS, responsável pela marca Cereser, aposta na velha sidra em garrafas long neck para deixar para trás a fama de bebida barata. A companhia, que produz cerca de 10,5 milhões de litros de sidra por ano, quer aproveitar esse

Pronto para crescer

Impulsionado pela geração Z, mercado dos “ready to drink” tem aumento de consumo de 4,5% ao ano no Brasil

Bruno Pavan

Os drinques prontos para beber, conhecidos como “ready to drink” – ou ainda RTD –, estão mexendo com o mercado de bebidas alcoólicas no Brasil e no mundo. De acordo com dados da Euromonitor, o segmento cresceu 4,5% entre 2023 e 2024. Já pesquisa da Associação Brasileira da Indústria da Cerveja (CervBrasil) aponta que o consumo de cerveja no Brasil em 2025 caiu 5%.

Os novos hábitos de consumo estão fazendo com que marcas consolidadas no setor abram os olhos para esse movimento, com produtos inovadores de olho na geração Z. “Esse mercado explode por combinar conveniência com experiências premium em um pacote pronto para consumo. Fatores chave incluem o estilo de vida urbano acelerado com as pessoas querendo bebidas prontas, sem precisar misturar ou abrir gar-



DIVULGAÇÃO

Chandon aposta em versão de spritz, mistura de espumante com bitter de laranja

novo mercado para ter maior recorrência na venda da bebida, ainda concentrada nas festas de final de ano.

“Nosso foco é destravar os outros 11 meses do ano, transformando a sidra em uma escolha recorrente. É nessa mudança cultural que está o grande potencial de crescimento sustentável do faturamento”, diz Bruno Cardoso de Faria, diretor comercial da CRS Brands.

Já a Chandon, conhecida no mercado de espumantes, também resolveu sair da zona de conforto, apostando em uma versão pronta dos spritz. A bebida que é uma mistura do espumante com bitter de laranja e especiarias é a jogada da tradicional marca para colocar seus produtos em outros momentos de consumo, como brunchs, encontros ao ar livre, praias, piscinas, eventos esportivos e festas ao estilo sunset.

“O spritz representa um momento, e nossa estratégia é estar presente nesses encontros de forma consistente e relevante”, afirma Gabriela Pontes, brand manager da Chandon Brasil. Em seu segundo ano no mercado brasileiro, o produto representa 5% do volume total de vendas da Chandon.

A presença forte nas redes sociais é outro termômetro desse mercado. Recentemente, o influenciador Thiago “Toguro” viralizou nas redes sociais com os novos rótulos das bebidas da Mansão Maromba, famosas pelo meme “sabor energético”.

Na Ambev, que registrou queda de 4,5% nas vendas de cerveja em 2025, a Skol Beats é principal aposta no mercado RTDs. A companhia não informa, porém, números dessa categoria.

Diageo repagina Smirnoff Ice

Uma das pioneiras no mercado de drinques prontos para beber, a Smirnoff Ice chegou ao mercado nacional em 2000. Apesar de ainda ser a marca mais forte do mercado, de acordo com pesquisa da Kantar, a Diageo recolocou o produto no centro da estratégia de sua expansão nesse mercado.

Xeque Mate teve recorde de vendas no ano passado, atraindo público jovem



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Consumo em números

178,9 milhões

de litros foi a produção de bebidas prontas para beber no Brasil em 2024, segundo a Euromonitor. A expectativa é que o setor chegue a 228,6 milhões de litros em 2029

32,4%

foi o crescimento da categoria no país entre 2019 e 2024 contra 16,8% do mercado cervejeiro. Ou seja, foi praticamente o dobro

94%

foi quanto cresceu, no Carnaval deste ano, a venda desse tipo de bebida em bares e festas, contra 60% das cervejas, de acordo com a Zig. Em um ano, os “ready to drink” passaram de 12% das compras feitas por homens e 20% das feitas por mulheres para 23% das masculinas e 32% das femininas



Contrato com Saab prevê a entrega de 36 aeronaves

JORGE SILVA

Voo brasileiro

Embraer e Saab apresentam primeiro caça supersônico produzido no país; F-39E Gripen atinge 2.500 km/h

Eduardo Vargas

O Brasil entrou em um clube seleto: o das nações que produzem caças supersônicos. Com a aeronave F-39 Gripen, agora o país pode figurar ao lado de Estados Unidos, França, Rússia, Índia, China, Alemanha e Suécia, todos com capacidade de desenvolver e produzir aeronaves de combate de alta complexidade. O modelo em questão foi feito pela sueca Saab em parceria com a Embraer. Ele foi apresentado na semana passada, em Gavião Peixoto (SP), em evento com presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Essa é a primeira aeronave supersônica com assinatura do país. A Força Aérea Brasileira (FAB) já tinha caças F-39E Gripen, entretanto eram importadas – dado que a fabricação ficava a

cargo da Saab. Agora, o caça de última geração, que atinge 2.500 km/h, será produzido por aqui, fruto da parceria entre as duas empresas, em projeto que integra o programa de modernização da FAB.

O contrato com a Saab, firmado em 2014, prevê a entrega de 36 aeronaves pela cifra de US\$ 4 bilhões, sendo 28 Gripen E monoposto e 8 Gripen F biposto. A parceria entre a companhia sueca e a brasileira teve início em meados de 2013. À época, outras duas empresas – a norte-americana Boeing e a francesa Dassault – estavam na disputa para o fornecimento dos caças ao Brasil.

No total do projeto atual, existem 12 unidades já em solo brasileiro, sendo 11 fabricadas e montadas na Sué-

cia. Na solenidade da semana passada – que foi acompanhada também pelo ministro da Defesa, José Múcio Monteiro Filho, e pelo comandante da FAB, tenente-brigadeiro Marcelo Kanitz Damasceno –, foi apresentada a 12ª que é a primeira montada no Brasil. Após isso, serão mais 15 unidades produzidas em solo brasileiro.

As instalações da Embraer em Gavião Peixoto responderão pela produção dos caças Gripen E, utilizando uma cadeia de suprimentos brasileira e internacional, incluindo aerosturaturas fabricadas na unidade da Saab em São Bernardo do Campo, no ABC paulista.

Os demais caças previstos no contrato atual com a Força Aérea Brasileira seguirão esse mesmo modelo de produção. As novas aeronaves devem substituir os antigos F-5, modelos de origem norte-americana que integravam a frota de caças da FAB.

Desde fevereiro deste ano, o Gripen está a serviço do Alerta de Defesa Aérea, a partir da Base Aérea de Anápolis (GO), “para garantir a proteção do espaço aéreo sobre o Distrito Federal”. Antes da entrega final, as aeronaves em produção no país passarão por testes funcionais e voos de ensaio. Depois, os caças se juntarão às unidades já

Economia

entregues ao Primeiro Grupo de Defesa Aérea (1º GDA).

O F-39E Gripen consolida o Brasil como polo tecnológico na produção de caças, ao permitir domínio sobre etapas estratégicas de produção de modelos de alta tecnologia. Dados oficiais apontam que a produção da aeronave em solo nacional envolveu mais de 300 engenheiros brasileiros treinados na Suécia. A operação também gerou cerca de dois mil empregos diretos e outros dez mil indiretos.

“A apresentação do primeiro Gripen produzido no Brasil representa mais um marco relevante na colaboração estratégica entre Brasil e Suécia. Temos plena confiança de que essa parceria gera valor para ambos os países e pos-

sui grande potencial para abrir novas oportunidades de negócios”, afirmou Bosco da Costa Junior, presidente e CEO da Embraer Defesa & Segurança.

O CEO da Saab, Micael Johansson, reforçou a importância do acordo firmado entre as empresas. “A Saab permanece totalmente comprometida em ampliar e aprofundar sua presença no Brasil, fortalecendo o país industrial e tecnologicamente, além de consolidá-lo como um polo exportador para o mundo”, declarou.

Saab e Embraer descrevem o Gripen como “o mais avançado vetor de defesa aérea do Brasil, projetado para atuar em diversos tipos de missões, como defesa aérea, reconhecimento e

ataque”. O caça tem sistemas de missão para maximizar o desempenho em ambientes complexos.

Conforme comunicado, as capacidades de fusão de sensores da aeronave permitem o compartilhamento de informações em toda a formação tática, apoiando decisões coordenadas e aprimorando a resposta a ameaças. Entre as especificações técnicas do F-39E Gripen, estão: míssil Meteor além do alcance visual de última geração; míssil WVR IRIS-T, alerta de aproximação de mísseis, cobertura 360° de sensores e sistema de guerra eletrônica. Além de atingir velocidades de até 2.500 km/h (Mach 2), a aeronave tem autonomia de até duas horas e meia de voo. **E**

Mercedes-Benz e Airbus Corporate apresentaram helicóptero em São Paulo



FOTOS ILLUMINANTS E.K. / CHRISTIAN D. KELLER



Mercedes-Benz nos céus

A Mercedes-Benz e a Airbus Corporate Helicopters (ACH) escolheram São Paulo para apresentar o ACH145 Mercedes-Benz Edition, versão exclusiva do helicóptero executivo que reforça a parceria entre as duas companhias. O modelo foi exibido em fevereiro em um evento na capital paulista, que reúne uma das maiores frotas de helicópteros privados do mundo.

A colaboração entre as marcas começou em 2010 e já soma 26 unidades entregues globalmente. Renovada em 2021, a parceria ganhou novo capítulo com a adoção da filosofia de design “Sensual Purity”, assinatura visual da Mercedes, agora aplicada ao helicóptero.

Marca alemã lança helicóptero com a Airbus

Por dentro, o ACH145 Mercedes-Benz Edition aposta na personalização. O cliente pode escolher entre quatro e oito assentos e seis conceitos de design diferentes, com foco em conforto e sofisticação, seguindo a proposta de levar a experiência de luxo da marca alemã também para os céus.

Na prática, o helicóptero também evoluiu. A nova versão traz rotor de cinco pás, que promete voo mais suave e silencioso, além de ampliar a capacidade de carga em até 150 kg. O conjunto reforça o posicionamento do modelo não só como transporte executivo, mas como ferramenta de negócios para quem

precisa se deslocar com agilidade entre diferentes regiões.

“A ACH e a Mercedes-Benz uniram o DNA de dois ícones: o versátil e robusto ACH145 e a presença marcante da Mercedes-Benz. Hoje, clientes exigentes podem viajar com o nível de conforto e estilo da Mercedes-Benz, tanto na terra quanto no ar”, afirma Frederic Lemos, head da Airbus Corporate Helicopters.

A proposta é clara. Entregar no ar o mesmo padrão de requinte que a Mercedes-Benz já oferece no asfalto, agora com a engenharia da Airbus como base.

Lucca Rasera



Trump diz que o Irã deixou de ser uma ameaça

ALEX BRANDON/REUTERS

Guerra de palavras

Trump faz balanço da operação contra o Irã, critica aliados e fala em paz e bombardeios; Teerã ameaça reagir com “ataques devastadores”

Em pronunciamento feito na TV em horário nobre, o presidente dos Estados Unidos Donald Trump declarou que o governo está muito próximo de atingir seus objetivos com a guerra no Oriente Médio. O mandatário fez um balanço, na quarta-feira, 1º, dos 32 dias da ofensiva militar norte-americana contra o Irã, batizada de “Operação Epic Fury”. Apesar do empenho em demonstrar que o conflito segue rumo ao fim, Trump vem expondo contradições que ajudam a explicar a escalada do confronto. Ao mesmo tempo em que afirmou que Teerã estaria inclinada a negociar, elevou ameaças militares e tensionou alianças estratégicas.

O presidente declarou que a capacidade militar iraniana foi “drasticamente reduzida”. Chegou a afirmar que o país “essencialmente deixou de ser uma ameaça”. No entanto, no mesmo discurso, advertiu que intensificará os bombardeios caso o Irã não aceite os termos de Washington, prometendo fazê-lo “voltar à Idade da Pedra”.

A contradição se estende ao campo diplomático. O presidente criticou aliados europeus por não aderirem integralmente à sua estratégia e afirmou

considerar a retirada dos Estados Unidos da Otan. Ao mesmo tempo, minimizou a importância do Estreito de Ormuz — por onde passava cerca de 20% do petróleo mundial antes da guerra — ao afirmar que os norte-americanos “não precisam daquele estreito”, sugerindo que países dependentes da rota deveriam “conquistá-la e valorizá-la”.

A leitura ignora os efeitos imediatos do conflito. O bloqueio do estreito já elevou o preço da gasolina acima de US\$ 4 por galão nos Estados Unidos e pressiona cadeias globais de abastecimento. Paralelamente, fontes do Pentágono confirmaram o envio do porta-aviões USS George H.W. Bush e de milhares de soldados à região — movimento que contrasta com a ideia de desescalada.

Do lado iraniano, a resposta veio no dia seguinte. Na quinta-feira, 2, Teerã afirmou que reagirá com ataques “mais devastadores, amplos e destrutivos” caso os bombardeios continuem. A ameaça ocorre após a promessa norte-americana de intensificação da ofensiva e em meio à continuidade dos ataques, deflagrados no dia 28 de fevereiro. Teerã rejeita a narrativa de negociação. Segundo

o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, há troca de mensagens por intermediários — entre eles o Paquistão —, mas não existem negociações diretas com Washington. As propostas do governo Trump são classificadas como “irracionais”, e a posição oficial é de que o conflito só terminará sob condições definidas pelo próprio Irã.

A retórica iraniana também se apoia em fatos recentes. O país reconhece perdas de dirigentes militares e danos a estruturas estratégicas, como o Instituto Pasteur em Teerã, atingido em bombardeios. Ainda assim, afirma manter coesão interna e disposição para prolongar o confronto.

O contraste entre as versões explícita e implícita. Enquanto Trump projeta a imagem de vitória iminente e abertura para acordo, ele próprio amplia o tom bélico e reforça a presença militar. Do outro lado, o Irã nega qualquer avanço diplomático e promete intensificar a resposta.

Enquanto isso, o Reino Unido articulava um encontro virtual com mais de 30 países para restaurar a segurança do transporte marítimo no Estreito de Ormuz. **E**



Mahama, presidente de Gana, defende que reconhecimento tenha ações concretas

UN PHOTOMANUEL BELIAS

O desafio da reparação

Resolução da ONU que define a escravidão como o crime mais grave contra a humanidade aponta para medidas concretas, mas há resistência entre países como Estados Unidos

A Assembleia Geral da ONU aprovou, na semana passada, uma resolução que classifica o tráfico transatlântico de africanos escravizados como o mais grave crime contra a humanidade. O reconhecimento traz à tona o debate por reparações às populações impactadas pela escravidão.

Proposta por Gana, a medida foi aprovada por 123 votos – entre eles, o do Brasil. Estados Unidos, Argentina e Israel votaram contra. Houve 52 abstenções, incluindo Reino Unido, Alemanha e Portugal.

A decisão não cria obrigações legais imediatas para os países, mas estabelece uma referência política e moral para a comunidade internacional. O texto afirma que a escravização deve ser considerada o crime mais grave pela escala, duração, natureza sistêmica,

brutalidade e consequências duradouras — e sustenta que suas marcas ainda estruturam desigualdades contemporâneas. Estimativas indicam que mais de 12 milhões de africanos foram deportados ao longo de cerca de 400 anos – outros estudos falam de 15 milhões.

O presidente de Gana, John Dramani Mahama, que apresentou a proposta na ONU, defendeu que o reconhecimento precisa avançar para ações concretas. Em outra ocasião, ele destacou uma “obrigação moral inquestionável” de enfrentar as consequências do tráfico.

A resolução da ONU afirma que as reivindicações por reparações são “um passo concreto rumo à reparação das injustiças históricas contra os africanos e as pessoas de ascendência africana” e aponta medidas como pedidos formais de desculpas por parte dos países, cria-

ção de fundos internacionais e devolução de bens culturais retirados da África.

O principal impasse está na responsabilização jurídica e na forma de implementação da reparação. Antes da votação, o representante dos Estados Unidos no Conselho Econômico e Social da ONU, Dan Negrea, classificou a proposta como “altamente problemática em inúmeros aspectos”. Ele afirmou que o país “não reconhece um direito legal a reparações por injustiças históricas que não eram ilegais segundo o direito internacional no momento em que ocorreram”. A posição demonstra a resistência do governo de Donald Trump à ideia de reparação.

A União Europeia declarou que a decisão de abstenção de alguns de seus Estados-membros se deve a preocupações com “interpretações controversas e pouco equilibradas de eventos históricos que podem criar divisões”. A representação do bloco acrescentou que pedidos de reparação são “incompatíveis com o direito internacional”.

Michael Ndimancho, analista político da Universidade de Douala (Camarões), sugeriu, em entrevista para a Deutsche Welle, uma abordagem mais estrutural que considere os desafios de longo prazo do continente. “Os países africanos deveriam pedir o cancelamento de suas dívidas, assistência em termos de educação, desenvolvimento cultural e social”.

No Brasil, o Ministério da Igualdade Racial elaborou uma nota técnica que embasou o voto do país na ONU e ressaltou as consequências da exclusão histórica da população negra. Em seu perfil no Instagram, Anielle Franco, então ministra da pasta, declarou que “o reconhecimento é importante, mas a reparação para a população negra das diásporas é ainda mais”. Ela mencionou a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) 27 que propõe o Fundo Nacional de Reparação Econômica e de Promoção da Igualdade Racial, composto por um aporte anual de R\$ 1 bilhão – ao longo de 20 anos. Os recursos, segundo a proposta, irão financiar ações voltadas à população negra em áreas como educação, cultura, empreendedorismo e combate ao racismo estrutural. A PEC ainda não entrou na pauta da Câmara. **E**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Panamá

Canal registra alta de navios e pressiona capacidade

Na segunda-feira, 30, o Canal do Panamá passou a registrar aumento no fluxo de embarcações, impulsionado por mudanças nas rotas do comércio global, por influência da guerra no Oriente Médio. Segundo a vice-administradora da via, Ilya Espino de Marotta, o tráfego saltou de cerca de 34 para até 40 navios por dia nas últimas semanas. A alta inclui embarcações de gás natural liquefeito e reflete a busca por rotas mais curtas e seguras. A administração alerta que esse nível não é sustentável e pode pressionar a capacidade operacional do canal.

Chile

Kast endurece imigração e corta gastos no país

Na terça-feira, 31, o presidente do Chile, José Antonio Kast, consolidou uma guinada política ao suspender a regularização de 182 mil migrantes e anunciar medidas de austeridade. O governo interrompeu um decreto da gestão de Gabriel Boric e prometeu expulsões de imigrantes irregulares, além de propor leis para criminalizar a entrada ilegal. Na economia, houve corte de 3% nos gastos ministeriais e mudanças que elevaram combustíveis em até 60%. As decisões provocaram protestos e queda na popularidade do presidente.

Argentina

Ativista brasileiro é barrado e deportado no país

Na terça-feira, 31, o ativista brasileiro Thiago Ávila foi detido ao chegar a Buenos Aires e teve a entrada negada pelas autoridades argentinas. Segundo relatos de sua companheira, Laura Souza, ele foi separado da família no aeroporto e informado de que não seria bem-vindo no país. Ávila participaria de atividades ligadas à Global Sumud Flotilla, movimento de apoio à Palestina. Após negociações, foi deportado e seguiu para Barcelona. O governo de Javier Milei não comentou o caso.

Ucrânia

Zelensky propõe trégua energética sem resposta russa

Na segunda-feira, 30, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, propôs à Rússia um cessar-fogo mútuo contra instalações energéticas, com suspensão recíproca de ataques. A iniciativa atende a pressões de aliados para reduzir impactos no mercado global de energia. Até agora, porém, Moscou não respondeu formalmente à proposta e segue condicionando qualquer negociação a um acordo mais amplo. Enquanto isso, ataques a infraestruturas críticas continuam dos dois lados, mantendo a tensão no conflito.



Itália

Roubo de obras em três minutos intriga polícia italiana

Na segunda-feira, 30, a polícia italiana aprofundou a investigação sobre o roubo de três obras de Renoir, Cézanne e Matisse na Villa dei Capolavori, museu da Fundação Magnani-Rocca, em Traversetolo. O crime ocorreu no fim de semana e durou cerca de três minutos, indicando ação planejada. Foram levadas "Les Poissons" (1917), de Renoir, "Natureza morta com cerejas" (1890), de Cézanne, e "Odalisca na varanda" (1922), de Matisse, avaliadas em cerca de 10 milhões de euros. A suspeita é de operação profissional.

Japão

Tóquio instala mísseis e eleva tensão com a China

Na terça-feira, 31, o Japão instalou mísseis de longo alcance na ilha de Kyushu, no sudoeste do país, em meio ao aumento das tensões com a China. Segundo o ministro da Defesa, Shinjiro Koizumi, o sistema terra-mar tem alcance de quase mil quilômetros e amplia a capacidade de resposta militar diante da atividade chinesa na região. A medida também incluiu a instalação de projéteis hipersônicos para proteger ilhas remotas e ocorre em meio a disputas territoriais e ao debate sobre uma eventual intervenção em Taiwan.



Steve Jobs, cofundador da Apple, apresentou o iPhone em 2007

KIMBERLY WHITE

O segredo da maçã

Apple completa meio século de história sem perder sua identidade de inovação e mantendo foco na experiência do usuário

Alessandro Martins

“Uma vez ou outra, chega um produto que muda tudo. Hoje, a Apple vai reinventar o telefone”. A frase, dita pelo cofundador da gigante norte-americana, Steve Jobs, parecia um vaticínio. E era. Naquele momento, em 2007, ele apresentava o primeiro iPhone, modelo que acabaria por transformar o segmento. Os números mostram como Jobs estava certo: desde o seu lançamento, já foram vendidos mais de três bilhões do celular no mundo.

Para o então líder da Apple, apostar alto não era questão de ego – ou de marketing –, mas de convicção da característica inovadora dos produtos desenvolvidos pela companhia. Hoje, com 50 anos recém cumpridos, a big tech celebra o sucesso não apenas do iPhone, mas de uma coleção de dispositivos que figuraram entre os mais cobiçados do mercado no tempo em que foram lançados. Com todo o arsenal de invenções

que criou ao longo dessas cinco décadas, a empresa – que nasceu na garagem da família de Jobs, em Cupertino (Califórnia) – atingiu um valor de mercado em torno de US\$ 3,73 trilhões.

Fundada em 1º de abril de 1976 sob o nome Apple Computers, a companhia não perdeu tempo e lançou no mesmo ano um protótipo do Apple 1, primeiro computador pessoal da marca. Apesar de não ser um exemplo de vendas, o produto colocou a companhia na mira dos investidores e renovou a inspiração de Jobs e de sócio, Steve Wozniak – Ronald Wayne foi um dos fundadores, mas, inseguro quanto ao futuro do negócio, vendeu sua participação (de 10%) poucos dias depois por US\$ 800.

Com o Apple 1, começava um processo de formação de identidade e DNA carregado até os dias de hoje: design elegante e foco na experiência do usuário. Com o lançamento do Apple II, em 1977, a marca se afastou dos en-

tusiastas e passou a oferecer computadores acessíveis para quem tivesse interesse, e, é claro, dinheiro.

Ao contrário de seu antecessor, o Apple II já vinha montado em um gabinete de plástico, contava com gráficos coloridos e teclado embutido, revoluções que prometiam trazer o computador pessoal ao alcance de toda a família. A aposta vingou.

A máquina se tornou o primeiro grande grande sucesso da companhia, vendendo cerca de seis milhões de unidades em seus diferentes modelos e dando largada a uma nova geração de fãs de informática, programação e jogos digitais. O custo era alto, mas não tão alto para se tornar inacessível para famílias norte-americanas de classe média, ao contrário da próxima empreitada de Jobs: o Apple Lisa.

A ideia surgiu após a empresa receber um convite da Xerox para conhecer seu novo produto, o Alto, um computador pessoal que contava com elementos gráficos que hoje são indispensáveis, como menus e janelas pop-up.

O presidente da Apple simplesmente não conseguia entender o motivo da empresa que inventou a fotocopiadora (a Xerox) revelar suas tecnologias de graça, mas sabia que estava olhando para o futuro dos PCs.

Graças as revelações da Xerox, o modelo Lisa foi para as lojas equipado com um mouse, aparato que era novidade para a época.



Da garagem...

A Apple nasceu na garagem dos pais de Jobs, em Cupertino

Jobs sempre negou que o aparelho foi nomeado em homenagem a sua filha, Lisa Brennan-Jobs, mas a negação se tornava mais difícil quando o assunto era o fracasso comercial do produto.

Lançado em janeiro de 1983, o computador custava quase US\$ 10 mil (mais de R\$ 50 mil na cotação atual) e vendeu apenas 100 mil unidades antes de ser descontinuado.

A “menina dos olhos” de Jobs havia falhado, mas um ano depois a Apple lançou um de seus produtos mais icônicos: o Macintosh, que também acompanhava mouse e teclado, mas que contava com um preço mais acessível do que o Lisa. Apesar de boas vendas, o Mac foi incapaz de evitar a saída de Jobs e Wozniack em 1985.

Sem seus fundadores, a companhia apostou em renovar — sem sucesso — seus produtos mais icônicos, como uma versão portátil do Macintosh, equipada

com monitor LCD, além de modelos de baixo custo da máquina.

Outras apostas como o Apple Newton e a câmera Quicktake pareciam ser a tecnologia certa no momento errado, tornando os anos 1990 a “era das trevas” da empresa.

Tudo isso mudaria com a volta de Jobs em 1999. Produtos obsoletos foram eliminados e deram lugar a novidades que sobrevivem até hoje, como a Apple Store e o sistema operacional Mac OS X, mas a verdadeira revolução ainda estava para chegar.

Os anos 2000 podem ser considerados a era de ouro da maçã. Em um curto período, a empresa lançou o iPod (2001) e sua loja digital de músicas iTunes, produtos que ajudaram a preparar o terreno para sua maior conquista.

No dia 9 de janeiro de 2007, Jobs subiu ao palco do Moscone West, durante a conferência MacWorld, para fa-

zer história. O empresário segurava em suas mãos um pequeno aparelho que prometia ser um computador, um iPod e um telefone.

“Todos nós nascemos com o melhor dispositivo de apontar — nossos dedos — e o iPhone os utiliza para criar a interface de usuário mais revolucionária desde o mouse”, afirmou.

Com tecnologias inovadoras que foram aperfeiçoadas por anos, como o touchscreen, o iPhone deu largada a uma nova era da comunicação. No mesmo ano, a companhia retirou “Computers” de seu nome, tornando-se apenas Apple Inc.

Jobs perdeu a batalha contra um câncer pancreático raro em outubro de 2011, mas viveu o suficiente para ver seu produto quebrar barreiras mundiais e mudar a maneira como acessamos a internet.

Em seu lançamento mais recente, o MacBook Neo — que acaba de chegar

...ao campus

A big tech hoje tem valor de mercado de US\$ 3,73 trilhões



Revolução na comunicação

A Apple é referência não apenas entre os especialistas em tecnologia. No universo da publicidade, a marca também fez história. Em 22 de janeiro de 1984, no intervalo do Super Bowl – a partida final da temporada de futebol americano –, estreou uma campanha tão emblemática que virou ícone cultural. Chamado “1984”, o filme trazia uma narrativa distópica em um tempo em que a palavra “distopia” não era popular. A inspiração era a obra de George Orwell de mesmo nome.

Na direção do comercial estava Ridley Scott, que tinha lançado quase dois anos antes o cultuado “Blade Runner”. Nas primeiras cenas da campanha, há filas de pessoas marchando por túneis, monitorados por sistemas internos de TV. Em outro momento, indivíduos uniformizados em um tom azulado estão sentados acompanhando as palavras de um homem em uma tela imensa. Ao mesmo tempo, uma mulher de cabelos curtos e platinados, em roupa de atleta, corre carregando um martelo enquanto é perseguida por policiais. Ela, então, arremessa o martelo e a tela explode. Em meio à fumaça, surge a mensagem: “Em 24 de janeiro, a Apple Computer vai apresentar o Macintosh. E você verá porque 1984 não precisa ser como 1984”.

Criada pela dupla Lee Clow e Steve Hayden, da agência Chiat Day, a campanha virou um divisor de águas. Colecionou prêmios e ajudou a vender o Macintosh sem ter mostrado nenhum pedacinho da máquina no filme. Reza a lenda que, em 100 dias, a Apple faturou US\$ 150 milhões com a venda do computador. Outras grandes campanhas se seguiram, colocando a marca entre as mais criativas do mundo.

ao mercado brasileiro —, a Apple buscou oferecer um notebook de entrada com design e performance de notebook premium. Segundo Tim Cook, CEO da Apple, o Mac “teve sua melhor semana de lançamento da história” com o Neo e os novos MacBook’s Pro.

No comando da big tech desde agosto de 2011 – quando Jobs se afastou da empresa para cuidar da saúde –, Cook escreveu uma carta para os fãs



Do Apple I...

Em 1976 foi lançado o Apple I, primeiro computador pessoal da marca

ED UTHMAN

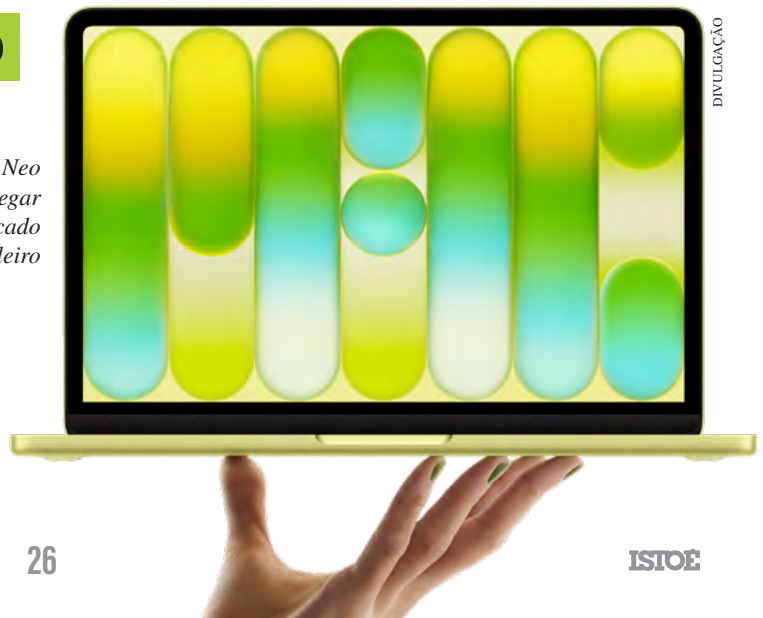
da marca sobre os 50 anos da companhia. “Do primeiro computador Apple ao Mac, do iPod ao iPhone, do iPad ao Apple Watch e os AirPods, além dos serviços que usamos todos os dias, como App Store, Apple Music, Apple Pay, iCloud e Apple TV, passamos cinco décadas repensando o que é possível e colocando ferramentas poderosas nas mãos das pessoas. A cada inovação, o mundo avança quando as pessoas pensam diferente”, disse, fazendo menção ao slogan famoso da maçã.

Cofundador de uma plataforma de educação e consultoria em inteligência artificial generativa (CR_IA), o brasileiro Paulo Aguiar, que já foi executivo de marketing de um banco digital, crava que a Apple é a mais influente

das grandes marcas do mercado global em termos de criatividade, produto e design. “Há décadas, ela dita as tendências visuais que seguimos, muitas vezes até sem saber. Além da evidente influência no design de interface, a comunicação vai na mesma linha, com dezenas de campanhas icônicas que vão desde o lançamento do ‘Think Different’ (filme de 1997 que celebrava, na voz de Steve Jobs, os inovadores, os ‘loucos’) até mesmo a vinheta da Apple TV: um vídeo de apenas cinco segundos que vai na contra mão das produções atuais, em que a marca, em vez de recorrer a recursos digitais ou à IA, fez tudo da forma mais complexa e artesanal possível, em formato de stop motion”, destaca. É, de fato, uma companhia que faz questão de ser diferente. **E**

...ao Neo

MacBook Neo acaba de chegar ao mercado brasileiro



DIVULGAÇÃO



Lançamento da Artemis II foi acompanhado pela TV e pela internet

Próximos passos com destino a Marte

A missão Artemis II representa um avanço crucial nas ambições de longo prazo da Nasa, que incluem o retorno de seres humanos à superfície da Lua e, em última instância, a realização de missões tripuladas a Marte. Os dados e as experiências obtidas com esta segunda fase do programa serão meticulosamente analisados e se tornarão fundamentais para o planejamento e a execução da "Artemis III", cujo lançamento está programado para 2027.

Em seguida, a "Artemis IV", agendada para o início de 2028, tem como objetivo realizar o primeiro pouso lunar tripulado em mais de cinco décadas. A estratégia da Nasa para esta missão envolve a transferência da tripulação da cápsula Orion para um módulo de pouso lunar comercial, que fará a descida até a superfície do satélite.

A agência espacial norte-americana já tem planos para a "Artemis V", com lançamento previsto para o final de 2028, e projeta missões subsequentes com uma frequência aproximada de uma por ano, consolidando seu programa de exploração espacial.

De volta à lua

Missão Artemis II parte para a órbita lunar, após mais de 50 anos sem uma viagem tripulada rumo ao satélite

Uma contagem regressiva transmitida pela TV e pela internet, que terminou às 19h24 do dia 1º de abril de 2026, no Centro Espacial Kennedy, na Flórida, não marcou apenas um lançamento. Ela encerrou um hiato de mais de cinco décadas desde a última missão tripulada ao ambiente lunar, em 1972, com a Apollo 17, e reposicionou a exploração espacial em um novo patamar.

Com a decolagem da Artemis II, a Nasa recolocou astronautas na rota da Lua — ainda sem pouso, mas com uma missão decisiva: testar, em condições reais, a capacidade de levar humanos de volta ao espaço profundo. Agora, por meio do programa Artemis, a Nasa utiliza a lua como uma base estratégica para futuras expedições a Marte.

Minutos depois da ignição do foguete Space Launch System (SLS), veio a primeira confirmação de que a opera-

ção seguia conforme o planejado. Cerca de oito minutos após a decolagem, a cápsula Orion se separou dos propulsores e entrou em órbita terrestre estável, levando a tripulação a um ambiente controlado para a etapa inicial de testes.

A missão reúne quatro astronautas com perfis complementares. Reid Wiseman, comandante, lidera a operação com experiência acumulada em voos espaciais. O piloto Victor Glover faz história como o primeiro homem negro a integrar uma missão lunar. Christina Koch, também norte-americana, carrega o recorde de voo espacial contínuo mais longo realizado por uma mulher e se torna a primeira a viajar para as proximidades da Lua. Já Jeremy Hansen, da Agência Espacial Canadense (CSA), atua como especialista de missão e representa a dimensão internacional do programa Artemis.



A nova missão encerrou um hiato de mais de cinco décadas

JOE SKIPPER

A jornada está prevista para durar 10 dias. Nesse tempo, a tripulação da Artemis II testará limites de distância no espaço profundo e realizará registros inéditos do lado oculto do satélite natural da Terra.

A arquitetura da missão foi concebida em fases rigorosas. Nos primeiros dias, a Orion permanece em órbita da Terra, onde a tripulação executa verificações dos sistemas de suporte à vida, navegação e comunicação. Esse período é crítico: é nele que a Nasa valida, com humanos a bordo, a integridade dos sistemas antes de iniciar a jornada rumo à lua.

Superada essa etapa, a nave inicia sua trajetória em direção ao satélite natural, em um percurso de mais de 384 mil quilômetros. A chegada ao entorno lunar está prevista para cerca de quatro dias depois, quando os astronautas realizarão um sobrevoo que inclui o lado oculto da Lua — um dos momentos mais simbólicos da missão. No ponto mais distante, a Artemis II alcançará cerca de 7,4 mil quilômetros além da superfície lunar antes de iniciar o retorno.

A volta à Terra, estimada em outros quatro dias, mantém o caráter experimental da missão. Durante esse período, a tripulação continua avaliando o desempenho da espaçonave em condições extremas. A reentrada na atmosfera exige precisão absoluta, com a cápsula enfrentando altas temperaturas

até a amerissagem prevista no Oceano Pacífico, ao largo de San Diego.

O caminho até o lançamento foi marcado por desafios. Problemas no escudo térmico da Orion, falhas em válvulas do sistema de suporte à vida e vazamentos de hidrogênio durante testes de abastecimento levaram a adiamentos e revisões de segurança. Ainda assim, a missão avançou como peça central da estratégia da Nasa, que inclui a futura estação Gateway e, no longo prazo, missões tripuladas a Marte.

Mais do que repetir um feito histórico, a Artemis II redefine o papel da

Problema no banheiro

A Nasa e os astronautas da missão Artemis II finalizaram com sucesso, na quinta-feira, 2, o conserto de uma falha técnica no sistema de gerenciamento de resíduos — o “banheiro” — da cápsula Orion. O problema havia sido detectado durante testes de rotina no Centro Espacial Kennedy, exigindo uma intervenção direta para assegurar que a nave estivesse operacional para a jornada de dez dias ao redor da lua. A falha foi identificada em um separador de líquidos, componente essencial para o funcionamento do sanitário em ambiente de microgravidade. Por meio de uma operação conjunta, os astronautas Reid Wiseman, Victor Glover, Christina Koch e Jeremy Hansen trabalharam com engenheiros de solo para substituir a peça e validar o sistema. O reparo é considerado crítico, uma vez que a higiene e o processamento de resíduos são fundamentais para a saúde da tripulação em missões espaciais.

lua na exploração espacial. O satélite deixa de ser destino final e passa a ser plataforma. E é nesse movimento que a Nasa retoma, em escala contemporânea, a corrida pelo espaço profundo. **E**

Equipe de astronautas é formada por Hansen, Glover, Wiseman e Christina



JOE RAEDLE/AFP



A Itália do goleiro Donnarumma perdeu para a Bósnia nos pênaltis por 4 a 1

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Fim de jogo

Após a repescagem, agora a Copa do Mundo está com todas as seleções definidas; a Itália, mais uma vez, está fora da competição

A cabou. Como no hoje clássico grito de Galvão Bueno ao fim do jogo que conferiu o tetra para a seleção brasileira, em 1994, as equipes de seis países puderam celebrar com alívio semelhante o ingresso na maior Copa do Mundo da história. Ao todo, 48 times vão partir em busca do título, inclusive o Brasil na perseguição do sonhado hexa. Os classificados vindos da repescagem, fase concluída na terça-feira, 31, são Suécia, Turquia, República Tcheca, Bósnia e Herzegovina, República Democrática do Congo e Iraque. Mas o que mais chamou atenção foi a derrota da Itália. Pela terceira vez consecutiva, a azzurra não marcará presença nos campos da Copa.

Nesta edição, os torcedores terão um recorde de jogos para acompanhar. Serão 104 partidas divididas em três países: Estados Unidos, México e Canadá. A Copa do Mundo 2026, cujo

pontapé inicial será no dia 11 de junho, no estádio Azteca, na Cidade do México, terá como seleções estreantes Curaçao, Uzbequistão, Jordânia e Cabo Verde. Esta é a grande ironia do futebol: a principal competição do esporte, em um ano mais recheado de embates e equipes, não contará com uma seleção detentora de quatro títulos. Exatamente a italiana, cujo último trunfo em Copas se deu na Alemanha, em 2006.

A eliminação da azzurra foi dramática. Em 2018 e 2022, os italianos foram superados, respectivamente, pelas seleções da Suécia e Macedônia do Norte. Agora, o sonho morreu em confronto com a Bósnia. Os dois times empataram em 1 a 1 no tempo normal (sendo que a Itália marcou primeiro), não alteraram o placar na prorrogação e foram para os pênaltis. O resultado foi um retumbante 4 a 1. O início do jogo levantou o ânimo da torcida. A Itália

abriu o placar logo aos 15 minutos, com gol do atacante Moise Kean. Mas a partida mudou com a expulsão do zagueiro italiano Bastoni ainda na primeira etapa, aos 41 minutos. Com um a menos em campo, a azzurra tentou defender o resultado e a classificação, porém não suportou a pressão da Bósnia. Levou o empate aos 35 minutos do segundo tempo. A tensão foi arrastada até as penalidades. Com erros decisivos do atacante Espósito e do meio-campista Cristante, a Itália tombou. A Bósnia não desperdiçou nenhuma cobrança.

Desde o tetra em 2006, é bom que se diga, a esquadra italiana não consegue ter um desempenho digno de sua história. Em 2010 e 2014, ela foi eliminada ainda na fase de grupos.

Com a classificação, a Bósnia disputará seu segundo Mundial. Sua primeira e única participação como nação independente foi em 2014, no Brasil. Naquele ano, os bósnios ficaram pelo caminho na fase de grupos. Agora eles

Os grupos da Copa

- A** México, Coreia do Sul, África do Sul, República Tcheca.
- B** Canadá, Suíça, Catar, Bósnia e Herzegovina.
- C** **Brasil**, Marrocos, Escócia, Haiti.
- D** Estados Unidos, Austrália, Paraguai, Turquia.
- E** Alemanha, Equador, Costa do Marfim, Curaçau.
- F** Holanda, Japão, Tunísia, Suécia.
- G** Bélgica, Irã, Egito, Nova Zelândia.
- H** Espanha, Uruguai, Arábia Saudita, Cabo Verde.
- I** França, Senegal, Noruega, Iraque.
- J** Argentina, Áustria, Argélia, Jordânia.
- K** Portugal, Colômbia, Uzbequistão, RD do Congo.
- L** Inglaterra, Croácia, Panamá, Gana



Lewandowski esteve em duas Copas. Ele ficará de fora deste Mundial

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Brasil: uma derrota, uma vitória

Enquanto 12 seleções lutavam para se classificar para a Copa, o Brasil aproveitou a Data Fifa e fez dois amistosos nos Estados Unidos. No primeiro, em Boston, no dia 28, o time foi derrotado pela França por 2 a 1, provocando frustração — e até gritos por Neymar nas arquibancadas (o jogador do Santos não foi convocado). Os gols foram marcados por Mbappé, Ekitiké e Bremer (Brasil).

No segundo, contra a Croácia, a seleção mostrou evolução. Venceu os croatas por 3 a 1 na terça-feira, 31, em Orlando. Danilo abriu o placar e Majer empatou. Igor Thiago (de pênalti) e Gabriel Martinelli garantiram a vitória.

As mudanças do técnico Carlo Ancelotti deram mais fluidez ao time, com Danilo ao lado de Casemiro e Matheus Cunha atuando como articulador. O treinador destacou o melhor funcionamento do meio e a capacidade de reação após o empate. Endrick, que entrou aos 30 minutos do segundo tempo, foi decisivo: sofreu o pênalti e deu a assistência do terceiro gol, reforçando suas chances de ser convocado para a Copa.

irão estreiar na Copa contra um dos mandantes do torneio, o Canadá, em 12 de junho. Eles estão no Grupo B, que conta ainda com Suíça e Catar.

Um craque a menos

A Copa do Mundo 2026 não terá também outro nome referência no esporte. No caso, um atleta. Maior artilheiro da história da Polônia, Robert Lewandowski provavelmente será a maior ausência da competição, considerando-se os craques que estariam contemplados em qualquer álbum de figurinha do mundial. O atacante do Barcelona e seus companheiros de seleção foram derrotados pela Suécia por 3 a 2.

A partida foi dramática. Os suecos marcaram primeiro, aos 19 minutos, mas levaram o empate aos 33. Depois, voltaram a estar na frente do placar, mas rapidamente os poloneses igualaram o jogo. A decisão veio aos 87 minutos. Destaque da seleção sueca, o atacante Viktor Gyokeres marcou um gol chorado, após bate e rebate na grande área. A estrela do Arsenal marcou o seu e garantiu a Suécia na Copa. E, assim, eles deram o troco nos poloneses, seleção que havia impedido sua participação no Mundial de 2022.

Lewandowski, 37 anos, disputou duas Copas (2018 e 2022) e quatro Eurocopas (2012, 2016, 2020 e 2024) com a Polônia. Ele é o atleta com mais partidas na história do país, com 165.

Abatido após a eliminação, chegou a publicar um post nas redes que se assemelhava a uma despedida. Depois, corrigiu o tom.

Mas o futuro é incerto. No próximo ciclo, ele estaria com 41 anos no próximo Mundial — que será sediada em Espanha, Portugal e Marrocos —, no caso de a Polônia se classificar. Talvez, se tiver condições físicas, ele encare o desafio. Afinal, serão 100 anos da primeira Copa.

Confrontos derradeiros

Os desafios das outras quatro seleções que ingressaram na Copa não foram fáceis. A República Tcheca derrotou a Dinamarca nos pênaltis, após um empate em 2 a 2 (1 a 1 no tempo normal e 2 a 2 na prorrogação). Os tchecos levaram a melhor, fechando as penalidades em 3 a 1. A seleção ficou por duas vezes na frente do placar, mas os dinamarqueses conseguiram o empate.

Em outro confronto, graças a um gol do atacante Kerem Aktürkoglu, do Fenerbahçe, no segundo tempo, a Turquia encerrou um jejum de 24 anos e irá retornar a um Mundial após ficar de fora de cinco edições. A seleção derrotou o time do Kosovo por 1 a 0.

Outra partida de gol solitário foi o embate entre República Democrática do Congo e Jamaica. Com um tento marcado na prorrogação, a seleção congolosa garantiu sua segunda participação em Copas 52 anos após o Mundial da Alemanha de 1974, quando competiu sob o nome de Zaire.

O último jogo da repescagem ficou para Iraque e Bolívia. O time andino ansiava por sua primeira participação em uma Copa. Mas teve de adiar os planos. A seleção do Iraque venceu o jogo por 2 a 1. Ali Al-Hamadi marcou primeiro aos 10 minutos do primeiro tempo. Ainda nessa etapa, a Bolívia empatou com Paniagua, aos 38 minutos. No segundo tempo, Aymen Hussein fez o segundo gol do Iraque, aos 8 minutos.

Esta será a segunda Copa do Iraque. A primeira participação foi em 1986, no México. Na ocasião, a seleção foi comandada pelo brasileiro Evaristo de Macedo. Neste ano, a Copa não terá nenhum técnico brasileiro em campo. A seleção verde-e-amarela é comandada atualmente pelo italiano Carlo Ancelotti. **E**

No topo do mundo

Sophia Chow e Vitória Marchezini, dupla brasileira de beach tennis, assume o primeiro lugar do ranking internacional



A dupla atingiu o topo do ranking, quebrando um jejum de 13 anos sem uma parceria 100% brasileira

O beach tennis brasileiro vive um de seus momentos mais emblemáticos da história. A atualização do ranking da ITF (Federação Internacional de Tênis), divulgada na segunda-feira, 30, coloca Sophia Chow e Vitória Marchezini como a nova dupla número 1 do mundo, encerrando um jejum de 13 anos sem uma parceria 100% brasileira na liderança do circuito internacional. O feito recoloca o país no topo de uma modalidade que vive expansão global acelerada e que hoje já integra uma estrutura internacional com centenas de torneios em dezenas de países.

Até então, a liderança pertencia às italianas Giulia Gasparri e Ninny Valentini, dupla que vinha dominando o circuito mundial. Agora, o topo passa a ser ocupado pelas duas brasileiras, que construíram essa ascensão com regularidade, maturidade competitiva e uma sequência de resultados expressivos nos maiores palcos da modalidade.

Mais do que uma mudança de ranking, o marco simboliza a força do beach tennis no Brasil e o protagonismo de uma geração que vem elevando o país a um novo patamar no cenário internacional. Em um esporte descrito pela própria ITF como “rapidamente crescente”, a chegada de Sophia e Vitória ao topo reforça o peso do Brasil em uma modalidade que se consolidou como uma das que mais ganha espaço no mundo e que tem no circuito profissional uma vitrine cada vez mais global. A ITF informa que o Beach Tennis World Tour reúne mais de 490 torneios em 35 países.

“É a realização de um sonho, que foi muito buscado e batalhado. Poucas pessoas sabem quantas batalhas invisíveis enfrentamos diariamente para chegar onde chegamos, mas saber que entramos para a história é algo que me deixa muito feliz”, afirmou Sophia, de 28 anos.

Em seu perfil no Instagram, Vitória, de 20 anos, lembrou sua trajetória no esporte. Aos 14 estava viajando com os amigos do beach tennis, que cuidavam dela por ser muito nova. “A gente sabia que era nossa hora. Foi uma construção do último ano com ótimas vitórias e resultados importantes. Sabíamos que nesse começo de temporada seria difícil a pressão. ‘Será que vão conseguir?’ Sim, conseguimos”, comemorou.

O posto de número 1 chega em um momento especialmente simbólico porque a temporada 2026 está apenas começando. Sophia e Vitória ainda têm praticamente um ano inteiro pela frente para defender a liderança, ampliar a vantagem e seguir escrevendo novos

capítulos dessa trajetória. O início da temporada confirma que a dupla não alcançou o topo por acaso: as brasileiras carregam a consistência de quem já vinha empilhando títulos, vitórias sobre as principais adversárias do circuito e campanhas decisivas nos maiores torneios do calendário.

As duas são as atuais campeãs do ITF Beach Tennis Finals, principal evento de encerramento da temporada, reservado às melhores duplas do ano.

No caso de Sophia, a conquista do topo mundial aprofunda ainda mais uma carreira que já se tornou uma das mais relevantes da história recente do beach tennis brasileiro. Ela soma oito títulos de Sand Series, categoria que

reúne alguns dos torneios mais importantes e prestigiados do mundo, além de oito títulos de BT400, resultados que ajudam a explicar a solidez de sua presença entre a elite do circuito.

A nova liderança também coroa uma parceria que conseguiu unir talento, regularidade e evolução contínua. Em um esporte de altíssima competitividade, alcançar o número 1 do mundo exige muito mais do que bons momentos: exige sustentação, força mental, adaptação constante e desempenho em sequência diante das principais duplas do planeta. Foi exatamente isso que Sophia e Vitória construíram para colocar o nome do Brasil novamente no topo do beach tennis mundial. **E**

Estrelas em ascensão

Nascida em São Paulo, Sophia Inaimo Chow, de 28 anos, teve o primeiro contato com as raquetes aos seis anos de idade, ainda no tênis. Ex-tenista, levou sua dedicação ao esporte aos Estados Unidos, onde estudou pela University of San Diego com bolsa de estudos, além de jogar em torneios como Wimbledon e US Open.

O beach tennis surgiu de forma desprezível, durante férias no Brasil, mas rapidamente se transformou em profissão e, agora, em uma trajetória histórica. Entre seus títulos, ela soma oito títulos de Sand Series.

Já a paranaense Vitória Marchezini, de 20 anos, entrou para o esporte aos 12 anos. Foi influenciada pela família, que tinha começado a brincar na praia por diversão. Mas ela decidiu encarar a modalidade com seriedade. Adolescente, viajava para disputar torneios, às vezes passando meses longe de casa. Ela continuava porque “sabia que estava indo no caminho certo”. Foi campeã mundial júnior em 2022. E vice-campeã da Copa do Mundo por equipe (Brasil) no mesmo ano.

Sophia: “Poucas pessoas sabem quantas batalhas invisíveis enfrentamos diariamente para chegar onde chegamos”



Vitória: “Era nossa hora. Foi uma construção do último ano com ótimas vitórias e resultados importantes”



Antonelli venceu dois GPs; na China, ele se tornou o piloto mais jovem a conquistar a pole position

KIM KYUNG-HOON/REUTERS

O líder mais jovem

O italiano Kimi Antonelli vence seu segundo GP e, aos 19 anos, assume a ponta do mundial de Fórmula 1

Em uma temporada carregada de mudanças, a Fórmula 1 vê um piloto de 19 anos superar competidores com títulos mundiais na bagagem e assumir o primeiro lugar do campeonato. O autor desse feito é o italiano Andrea Kimi Antonelli, da Mercedes. No domingo, 29, ele venceu o Grande Prêmio do Japão, no Circuito de Suzuka. Com isso, ele bateu uma marca que pertencia, desde 2007, ao inglês Lewis Hamilton, hoje na Ferrari.

Nascido em Bolonha, Antonelli entrou para a F1 em 2025 exatamente no lugar de Hamilton, que deixou a escuderia onde conquistou seis títulos mundiais (o último em 2020) para ingressar na equipe italiana. No ano

passado, ele alternou momentos, com bons e maus resultados.

Já em 2026, ele chegou em segundo lugar no GP da Austrália, que abriu a temporada. E no GP da China alcançou o lugar mais alto do pódio, alimentado as expectativas da Mercedes quanto à temporada – ele também se tornou o piloto mais jovem a conquistar uma pole position em um GP.

Na prova em Suzuka, um acidente com o britânico Oliver Bearman (Haas) – que desviou do argentino Franco Colapinto (Alpine), devido a diferenças nas velocidades provocadas pelos motores híbridos, e perdeu o controle – levou à entrada do safety car. Isso mudou o rumo da corrida. Antonelli já tinha feito

suas paradas, assumiu a liderança e seguiu assim até o final. Completaram o pódio Oscar Piastri (McLaren) e Charles Leclerc (Ferrari). O brasileiro Gabriel Bortoleto terminou a prova em 13º.

A Fórmula 1 entra em uma pausa no calendário porque duas provas foram canceladas por causa do conflito no Oriente Médio. A próxima corrida será o GP de Miami, no dia 3 de maio.

Talento percebido pela Mercedes

A trajetória de Antonelli até a Fórmula 1 começou no kart, aos sete anos, em um ambiente familiar ligado ao automobilismo. Filho de Marco Antonelli, ex-piloto e dono da equipe Antonelli Motorsport, ele cresceu dentro das pistas e iniciou a carreira nas categorias de base ainda criança.

Ele começou a disputar torneios de kart pela Europa e acumulou títulos na modalidade, chamando a atenção da Mercedes. A escuderia convidou o italiano em 2019 para fazer parte do seu programa de jovens pilotos.

Ainda adolescente, antes mesmo de completar 18 anos, Antonelli – que tem Ayrton Senna como ídolo – passou a competir como monopostos (carros semelhantes ao da F1). A estreia foi na Fórmula 4, considerada o primeiro passo após o kart, onde pilotos começam a lidar com carros mais potentes e estruturas profissionais. Em 2022, conquistou os títulos da Fórmula 4 Italiana e do campeonato alemão de Fórmula 4 (ADAC), com domínio em número de vitórias ao longo da temporada. O avanço seguiu na Fórmula Regional, categoria intermediária entre a F4 e as divisões mais altas. Ali, enfrentou grids mais competitivos e consolidou a progressão nas categorias de base com novos títulos e resultados consistentes.

Em 2024, deu um salto importante ao ir direto para a Fórmula 2, principal categoria de acesso à Fórmula 1. A decisão de pular a Fórmula 3, caminho tradicional, foi tomada pela Mercedes, que via no piloto potencial para acelerar sua formação. Dentro da equipe, Antonelli passou a ser tratado como uma das principais apostas do programa de desenvolvimento. Toto Wolff, chefe da Mercedes, destacou a velocidade natural do italiano e a capacidade de adaptação rápida a diferentes categorias. **E**

Sabores tropicais

Marcas oferecem criações de ovos de Páscoa com frutas brasileiras e combinações de texturas

Beatriz Mizuno

A Páscoa 2026, celebrada no domingo, 5, chega com mais novidades. As marcas prepararam ovos de chocolate de diferentes sabores, comercializados online ou disponíveis à pronta entrega em lojas por São Paulo. Neste ano, o grande destaque é a combinação de

texturas e ingredientes brasileiros. Frutas como maracujá, coco e caju — este último, em fruta ou castanha — foram incorporadas ao chocolate em criações cheias de personalidade. Com dulçor, refrescância e elementos crocantes, a brasilidade é a pedida.

Mariana Junqueira



A marca foge do formato óbvio com o Ovo em Barra (R\$ 539,80, 480 g), recheado de cocada cremosa com maracujá. O sabor também tem notas doces intensas e combinação de texturas.

[@marianafrancojunqueira](#)

Baianí Chocolates



Para a Páscoa, um dos lançamentos da empresa brasileira de cacau “tree to bar” é o Cupuaçu com Chocolate ao leite 57% (R\$ 169, 250 g). Ligeiramente cremoso, o ovo se destaca pelo sabor levemente cítrico do cupuaçu, em contraste com a intensidade do chocolate.

[@baianichocolates](#)

Casa Santa Luzia



Como lançamento, a Casa Santa Luzia apresenta o Ovo de Páscoa de

Pati Piva



FOTOS DIVULGAÇÃO

A loja lança o ovo Caramelo de Maracujá e Coco Crocante (R\$ 370, 550 g), produzido com chocolate ao leite. O recheio é farto, mas não exagerado; e o sabor é refrescante e ideal para quem aprecia a combinação de chocolate e frutas.

[@patipiva](#)

Dengo



Para a Páscoa, o catálogo da marca conta com 28 produtos — sendo 10

lançamentos, incluindo o Cacau Praliné Amazônico (R\$ 399,90, 450 g), recheado com praliné de castanha-do-pará com cupuaçu e massa folhada. Com formato de fruto de cacau, a criação feita com chocolate 70%, recheio cremoso e sabor levemente frutado é ideal para presentear.

[@dengochocolates](#)

Dulca



O ovo Maracujá e Manga (R\$ 295, 340 g) resalta os sabores tropicais de maracujá e manga, combinação de frutas envoltas por uma casca de chocolate branco caramelizado. A receita, colaboração especial com a chocolate maker Priscyla França, agrada quem prefere sobremesas com dulçor acentuado.

[@dulcaconfeitaria](#)

Estilo de vida

Caramelo de Cardamomo (R\$ 261, 350g), feito com chocolate belga ao leite e interior de toffee. A receita se destaca pelas notas de especiarias trazidas pelo cardamomo, em contraste com o dulçor do caramelo.

[@casasantaluzia](#)

Joya Boulangerie



FOTOS DIVULGAÇÃO

A padaria artesanal na Vila Mariana apresenta sua primeira leva de ovos de Páscoa. O destaque é o ovo Croissant (R\$ 138, 280g), que combina sabores sofisticados: duja de croissant com ganache de manteiga noisette. A coleção, assinada pela chef Isa Honda, é inspirada no café da manhã e em clássicos da confeitaria.

[@joyaboulangerie](#)

Terraço Jardins



O restaurante do Renaissance São Paulo Hotel apresenta ovos em fatias, criados pelo chef confeitiro Bruno Mariano. O ovo de Tortas de Brigadeiro e Limão está disponível por R\$ 249 (800 g, seis fatias) e combina duas das sobremesas mais pedidas do Terraço Jardins, cuja culinária une inspirações paulistas caipiras e caçaras.

[@terraçojardins](#)



PATINO FOTOGRAFIA

Torteria

Para quem não abre mão dos clássicos, a marca apresenta, como lançamento, o Ovo de Bolo de Cenoura com Brigadeiro (R\$ 115, 370 g), em formato de meio ovo para comer de colher. A receita combina casca de chocolate com bolo de cenoura e brigadeiro cremoso, com elementos úmidos na medida e sabor inconfundível do tradicional bolo de cenoura brasileiro.

[@atorteria](#)

Momonoki



Criação exclusiva da chef Mika Sakihama, o café apresenta o Ovo Sakura (R\$ 260, 420 g), que combina elementos japoneses e amazônicos. Produzido com chocolate branco de origem amazônica, proveniente do Pará, com 32% de cacau, o ovo é aromatizado com pétalas de sakura — as delicadas flores de cerejeira trazidas do Japão — desidratadas e revela, em seu interior, recheio de ganache de frutas vermelhas.

[@momonoki.br](#)

Da Feira ao Baile



Um dos sabores criados pela chef Roberta Julião para a Páscoa 2026 é o Ovo Limão Siciliano (R\$ 50, 100 g/R\$ 150, 300 g). A sobremesa tem casca de chocolate branco recheada com bolo de massa leve de iogurte, toque cítrico e suspiros.

[@dafeiraaobaile_cafe](#)

Nugali



MARIA EDUARDA VASSELAI

O pistache é o protagonista do lançamento da Nugali Chocolates, marca brasileira premiada no exterior. O Ovo de Chocolate ao Leite com Pistache e Tahine (R\$ 165, 300 g) combina ingredientes tradicionais do Oriente Médio com o cacau e leite brasileiros em dois ovos em um: o primeiro tem casca crocante de chocolate com pedaços de pistache e crocante de gergelim. O segundo, no interior, tem casca de chocolate ao leite com recheio de creme de pistache com tahine.

[@nugalichocolates](#)

Cakes



A confeitaria apresenta, para 2026, o Ovo Banoffee (R\$ 220, inteiro com 450g/R\$ 128, meia casca). Inspirada na famosa torta de banana, a receita leva casca de chocolate ao leite com castanha de caju recheada com doce de banana e doce de leite.

[@cakess_sweet_sugar](#)

Uma tragédia para não se esquecer

“Emergência Radioativa” revive um dos acidentes mais terríveis na história do país; minissérie da Netflix é Top 1 global entre as obras de língua não-inglesa na plataforma

Uma menina se encanta com “estrelinhas” que emitem uma luz azul, um “presente” levado por seu pai. Pequenininha, nem ela e nem ninguém de sua família imaginavam naquele momento que estavam lidando com um elemento mortal. Essa é uma das imagens que capta a atenção e mexe com as emoções do público que acompanhou a minissérie “Emergência

Radioativa”, o mais recente sucesso de audiência da Netflix. Não é apenas no Brasil que ela vem repercutindo.

Composta de cinco episódios, a produção – que revive um acidente radioativo que marcou o país há quase 40 anos – acaba de atingir o topo de visualizações no mundo entre as obras em língua não-inglesa exibidas na plataforma. Em sua segunda semana de exibi-

ção, “Emergência Radioativa” alcançou o Top 1 global ao somar mais de 10,8 milhões de visualizações no período, informou a Netflix na terça-feira, 31. A minissérie, produzida pela Gullane (“Sintonia”, “Senna” e “O Rei da TV”), figurou no Top 10 de 55 países.

Lançada em 18 de março, a obra é inspirada em uma tragédia que aconteceu em Goiânia, em 1987, provocada pela contaminação por césio-137, um material radioativo (derivado do elemento químico césio) que ficou conhecido por todo o Brasil na época.

Dirigida por Fernando Coimbra, a minissérie mostra a sucessão de acontecimentos que resultaram no que é considerado o acidente radiológico mais grave do mundo ocorrido fora de uma usina nuclear.



HELENA YOSHIKAWA/NETFLIX

O físico Márcio (Johnny Massaro) detecta as primeiras contaminação

Entretenimento

Com a repercussão da minissérie nas redes sociais, ficou evidente que muita gente não conhecia o acidente ou não tinha dimensão do seu alcance. A história começa com dois jovens catadores que encontram, em um prédio em ruínas e abandonado, uma máquina de radioterapia, sem saber do que se tratava aquele artefato. No local, tinha funcionado uma clínica para tratamento de câncer. Ela foi desativada, mas o equipamento foi deixado no lugar, sem qualquer proteção. Os proprietários não notificaram a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) o destino da máquina, uma medida obrigatória. E a tragédia se sucedeu.

Os dois catadores abriram o equipamento, expondo o Césio-137, na sua formulação em pó. Levaram parte da máquina para um ferro-velho, cujo dono, chamado na vida real de Devair, mas que virou Evenildo na minissérie, comprou a pesada cápsula repleta do elemento azul. Interessado no brilho, ele levou parte desse equipamento para casa e compartilhou com a família e amigos a descoberta, distribuindo as “estrelinhas” que chegaram até sua sobrinha de seis anos, Leide (ou Celeste na produção da Netflix). Foram dez dias dentro da casa e no ferro-velho até que a mulher de Devair desconfiou que a família estava adoecendo por causa do pó luminoso e levou aquele estranho artefato para um centro de vigilância sanitária. A partir daí, médicos, físicos e governantes começam a se dar conta do grave acidente ao qual a população estava exposta.

Em “Emergência Radioativa”, os acontecimentos são desvendados com a ajuda de Márcio, interpretado por Johnny Massaro, um físico que detecta as primeiras contaminações e aciona as autoridades. O personagem é uma junção de várias pessoas que trabalharam para conter a extensão da tragédia. Ele tenta convencer Evenildo (Bukassa Kabengele) e sua família a deixarem suas casas, mas encontra resistência. Por sinal, resistência às medidas de controle por desconhecimento e preconceito da população contra as vítimas são marcas que se estabelecem na história, no desenrolar dos episódios. Outro papel que se destaca na trama é o de Oreste, diretor da CNEN vivido por Paulo



Alan Rocha faz João, pai de Celeste, papel de Mari Laredo

Gorgulho. O físico tenta coordenar junto com o governador (Tuca Andrada) as medidas para evitar que a contaminação se alastre.

Mas é claro que o drama das primeiras vítimas gera comoção. O que antes tinha encantado aquelas pessoas se revelava um elemento destruidor, causador de profundas dores e dilacerações. E tremendamente assustador, já que eles tinham de permanecer isolados, separados e sem ter ideia do que viria a seguir. As primeiras mortes foram da mulher de Evenildo, Antônia (ou Maria Gabriela, na vida real), vivida por Ana Costa, Celeste (interpretada por Mari Laredo, de seis anos) e dois funcionários do ferro-velho, Israel e Admilson (nomes reais).

A produção ouviu especialistas, entre diversos profissionais que atuaram no acidente, e pessoas que viveram a tragédia. “Foi um acontecimento que transformou a vida de quem esteve lá. Essas pessoas precisam ser lembradas”, declarou Leandra Leal, que está na minissérie como uma física do Instituto de Radioproteção e Dosimetria (IRD), ligada ao CNEN, uma das entidades que foi acionada para combater o problema.

Uma crítica que veio das redes, porém, se deve à escolha de São Paulo e Santo André como locações. Moradores de Goiânia defendem que a produção deveria ter acontecido na cidade.

Para alguns, é inevitável pensar em “Chernobyl”, a minissérie da HBO que

fez muita gente lembrar e conhecer a dor e o medo vividos pelo mundo em 26 de abril de 1986, quando explodiu o reator 4 da usina nuclear instalada na cidade de Pripjat, a cerca de 100 quilômetros de Kiev, na Ucrânia – à época integrante da União Soviética. É claro que, em termos de investimento, as produções não são comparáveis. A referência funciona bem para “Emergência Radioativa” pela ótica da narrativa. Ela é envolvente e resgata um momento trágico da história brasileira com cuidado.

O acidente em Goiânia ocorreu um ano após Chernobyl, provocou pânico nacional e chegou a estigmatizar moradores e produtos da cidade. Naquele período, mais de 112 mil pessoas foram monitoradas. Delas, 249 apresentaram contaminação. Quatro morreram logo após o acidente e outras 16 ao longo dos anos. Cerca de seis mil toneladas de lixo radioativo foram recolhidas. Esse material foi armazenado em um depósito projetado para durar 300 anos. Hoje, os níveis de radiação estão normalizados.

O caso também influenciou mudanças na legislação nuclear brasileira, levando ao estabelecimento de protocolos depois usados internacionalmente. Como pontuam os físicos da minissérie, a tragédia do césio-137 não teve a intensidade de uma explosão de reator, como em Chernobyl, mas envolveu uma contaminação de dez dias em que nada foi feito. Porque ninguém sabia o perigo que era aquele brilho azul. **E**



Para Paula Cohen, espetáculo é para divertir ou refletir

Conscientização pelo teatro

Diretora de “Mulheres em Chamas”, Paula Cohen destaca o papel da arte no combate à violência de gênero

Sofia Magalhães

Premiada neste ano pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) como Melhor Atriz de Teatro por “Finlândia”, montagem que aborda temas como machismo e desafios emocionais, Paula Cohen está com nova peça em São Paulo, mas desta vez no papel de diretora. “Mulheres em Chamas” retrata três mulheres 40 mais – interpretadas por Camila Raffanti, Juliana Araripe e Miá Mello – que estão presas em um elevador com apenas uma coisa em comum: a menopausa.

Atriz, diretora e produtora, Paula tem larga vivência no teatro. Com essa experiência e diante de acontecimentos recentes que têm assombrado o Brasil, ela defende que os artistas têm um im-

portante papel a desempenhar no enfrentamento da onda de violência contra a mulher que tomou o país.

No início de março, Paula compartilhou um desabafo no Instagram sobre os crescentes casos de feminicídio. Ao comentá-los, ela contou que participou de produções que contribuíram para o processo de desconstrução na sociedade anos atrás. E disse que está muito assustada com o avanço no país de movimentos encabeçados por perfis conhecidos como red pill e incel – ambos famosos pelos discursos misóginos.

“Isso se espalhou e ganhou seguidores”, afirmou. “A gente precisa ir às bases desses movimentos. Eu tenho que falar sobre isso”, completou.

Paula mencionou produções como “Carne de Mulher”, monólogo que protagonizou em 2017 e que trata de uma mulher que sofreu diferentes violências ao longo da vida. Trabalhos assim são peças-chave para que outras vítimas se identifiquem e busquem ajuda. Segundo ela, a arte é passível de fazer consciência. “Ela traz o despertar. Seja no drama, seja na comédia”.

Para ela, pisar no palco do teatro é como estar em sua segunda casa. Aos 51 anos, Paula experimentou a euforia de participar de uma montagem pela primeira vez ainda na adolescência, quando tinha 16. Conquistar o prêmio da APCA por “Finlândia”, obra que produziu, captou e atuou ao lado do marido, Jiddu Pinheiro, é algo apontado por ela como uma felicidade imensurável. “Ser premiada por ‘Finlândia’ tem um sabor especial, porque ela serve como um espelho de uma relação que está em uma fase ruim”.

De acordo com a atriz, o título retrata dificuldades que não são mais tão representadas na atualidade, além de abordar temas sensíveis, como a toxicidade das relações e o fim do casamento de casais com filhos. “Se você vai levantar um espetáculo, é para divertir, para conscientizar ou para pensar. Mesmo na comédia ou no drama.”

“Às vezes, você transforma poucas pessoas, mas faz uma revolução. A gente tem uma missão: Eu, como atriz, sou proponente. Eu sou olho d’água. Eu quero fazer a coisa acontecer e reverberar mesmo”.

“Mulheres em Chamas”, em cartaz no Teatro UOL, no Shopping Pátio Higienópolis, também é um reflexo dessa ânsia de mudar a realidade da sociedade. Convidada para dirigir a montagem (criada por Camila, Juliana e Miá), ela ressaltou que o tema principal da obra foi tratado como “algo” clandestino no passado. Em 2002, uma pesquisa “afirmou” que a reposição hormonal em mulheres poderia influenciar no desenvolvimento de câncer.

“Foi um atraso, porque as mulheres apavoraram e jogaram tudo fora. Elas voltaram a sofrer os calores, as insônias e as angústias”, declarou. Por isso, ela assume que se surpreendeu com o sucesso da produção. “Isso ficou muitos anos encruado. Então, é muito bonito de se ver”. **E**

Filmes e séries

Segredos bombásticos

Zendaya e Robert Pattinson são noivos em "O Drama". Tudo vai bem até que revelações às vésperas do casamento abalam a relação



FOTOS DIVULGAÇÃO

"O Drama"

Emma (Zendaya) e Charlie (Robert Pattinson), um casal que parece perfeito e que se conheceu em um café, sentem a relação entrar em crise às vésperas do casamento após uma "brincadeira" de revelação de segredos feita com amigos. Isso porque a noiva conta uma história que se torna algo pesado a ser administrado entre os envolvidos. O resultado gera tensão emocional e horas marcadas por desconfiança e incômodos. O longa combina romance, toques de comédia e densidade psicológica ao explorar os limites da intimidade. Com Alana Haim ("Licorice Pizza"), Hailey Gates ("Marty Supreme") e Mamudo Athie ("Tipos de Gentileza") no elenco. A direção é de Kristoffer Borgli.

Em cartaz no cinema

"Barba Ensopada de Sangue"

Adaptação do romance de Daniel Galera, o filme narra a história de um professor de natação (Gabriel Leone), que, após a morte do pai, muda-se para a antiga casa da família, onde investiga o assassinato do avô (Ricardo Blat). Com direção de Aly Muritiba.

"A Mulher Mais Rica do Mundo"

A bilionária Marianne (Isabelle Huppert) vive uma paixão que ameaça seu império. Sua herdeira (Marina Foïs) entra em conflito com ela. O mordomo (Laurent Lafitte), por sua vez, manipula segredos, acentuando o embate por poder e dinheiro.

Destaques do streaming

"Star Wars: Maul - Lorde das Sombras" (1ª temporada)

Com estreia no dia 6, a animação se situa um ano após "A Vingança dos Sith". Maul (Sam Witwer) tenta reconstruir seu império após a destruição da Ordem Jedi. No caminho, cruza com Brander Lawson (Wagner Moura).

Disney+

"Hacks" (5ª temporada)

Na nova temporada, que estreia dia 9, Deborah Vance (Jean Smart) e Ava (Hannah Einbinder) enfrentam mais desafios para se manterem na indústria do humor, em meio a mudanças na carreira.

HBO Max



LUCASFILM LTD.

Saúde, aparência e política

As redes sociais de IstoÉ reagiram às críticas da atriz Guta Stresser aos comentários maldosos que recebeu por causa de aspectos físicos, aos movimentos políticos da semana e ao alerta de Marisa Orth sobre surto de Influenza

Stephanie Mecco

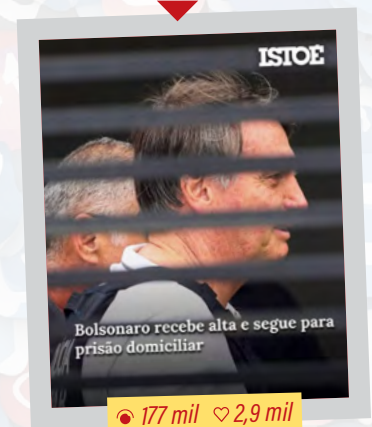
Guta Stresser recebe críticas por aparência

A atriz Guta Stresser, a Bebel de “A Grande Família”, rebateu críticas que recebeu no Instagram ao publicar uma foto em que aparece sorridente em uma celebração em Curitiba (PR). No post, ela contou que estava em um churrasco de despedida de uma amiga. No entanto, a aparência da atriz, que tem esclerose múltipla (doença degenerativa), virou assunto pela magreza. Entre os comentários, havia mensagens grotescas e maldosas. “Falar esse tipo de coisa de qualquer pessoa é das coisas mais grosseiras e preconceituosas que já vi aqui, e olha que haters nesse ‘ambiente’ aqui é o que não falta”, escreveu.



Bolsonaro de volta à prisão domiciliar

Após quase duas semanas de internação para tratamento de broncopneumonia bacteriana, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) recebeu alta do Hospital DF Star, em Brasília (DF), na sexta-feira, 27. Ele seguiu para prisão domiciliar pelo prazo de 90 dias, após autorização do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal). Bolsonaro deixou o hospital na companhia da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.



“Tarcísio é decepção na segurança”, diz Kim Kataguiri

O deputado federal Kim Kataguiri (Missão-SP) afirmou que o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), não cumpriu promessas de valorização dos policiais e “não dá liberdade” para o combate efetivo ao crime organizado no estado. “A Polícia Militar quer garantir que nenhum território do país esteja sob controle do crime organizado, e o Tarcísio, com medo de apanhar da imprensa, de ONGs de direitos humanos e partidos de esquerda, não dá autorização para as tropas fazerem seu trabalho”, disse.



Gilberto Kassab deixa governo Tarcísio

O presidente do PSD, Gilberto Kassab, anunciou a saída do governo de Tarcísio de Freitas (Republicanos) na quarta-feira, 25. Ele deixou o posto de secretário de Governo e Relações Institucionais do Estado de São Paulo para focar na articulação das disputas eleitorais.



Após se recuperar de Influenza, Marisa Orth recomenda vacina

Em seu perfil no Instagram, a atriz Marisa Orth, 62 anos, contou que retomou seus compromissos profissionais, após ficar dez dias doente. “Protejam-se! Já estou recuperada. (...) Me contaminei com Influenza tipo A [sub-tipo] H3N2, uma síndrome muito comprometedor e contagiosa. Há um surto tanto dessa variante, como da versão H1N1”, alertou.

www.istoe.com.br

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

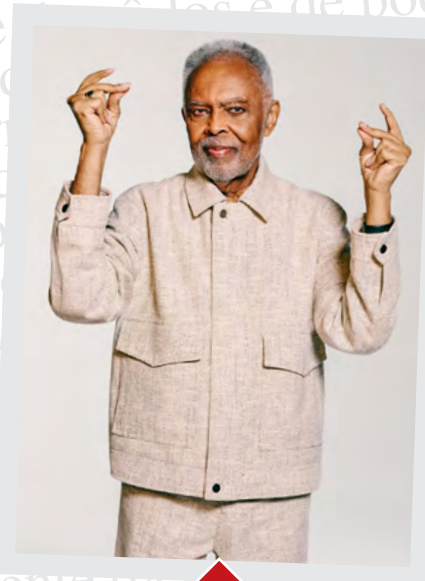
Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

X: x.com/istoe

Palavra por palavra



"Envelhecer lúcido é poder ter a experiência humana completa. É viver todas as fases da vida do começo ao fim, ser um ponto de vista que testemunhou ciclos e mudanças. Um ser que se adaptou a diferentes mundos"

Lima Duarte, ator, que completou 96 anos no domingo, 29



"Um debate que poderia ser produtivo, do ponto de vista do que esta deputada tem de políticas públicas para as mulheres, foi completamente contaminado por um discurso odioso, de que, talvez, por ser uma mulher trans, eu fosse menos mulher e menos capaz de representar os direitos das mulheres"

Erika Hilton (PSOL-SP), deputada federal que foi nomeada presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara, no Roda Viva

"Há quem diga que são os Kardashians brasileiros, mas cá entre nós: não tem como comparar nada com a Família Gil"

Gilberto Gil, artista, em post em seu perfil no Instagram sobre o último show da turnê em que se despede dos palcos



"Estava morrendo de medo de vir para o Rio e vocês me obrigassem a ser governador de vocês. (...) Você não quer não, Huck? Tu não queria ser político?"

Paulo Vieira, artista, para Luciano Huck, no prêmio Melhores do Ano

"Vou receber neste ano o melhor presente de toda a minha vida. Terei a sorte de vê-los e de poder cantar para vocês"

Céline Dion, cantora, comemorando seus 58 anos, na segunda-feira, 30, e anunciando seu retorno aos palcos, com shows em Paris a partir de setembro



Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

